

Conforme Boni e Costa (1984, p. 25), a política de colonização foi dividida em três períodos, principalmente em relação ao Rio Grande do Sul:

- a) a promoção da colonização (1808-1830);
- b) a supressão da colonização devido à estabilização do sistema escravocrata (1830-1848);
- c) incentivo à imigração – não à colonização – como forma de substituir a mão-de-obra africana (1848-1889).

A intenção do governo, promovendo a imigração, visava, entre outros motivos já citados, ao branqueamento da raça, isso como consequência do racismo da época, entre outras causas; a defesa nacional, quando, após a independência, houve a necessidade da organização de um exército; a criação de uma indústria nativa; e a abolição gradual da escravidão. Conforme Flores (2004, p. 27), outro interesse era também de “ocupar vazios demográficos, notadamente na fronteira sulina”.

Assim,

enviados do governo dirigiram-se então à Europa, procurando angariar imigrantes. Ofereciam-se aos candidatos, entre outras coisas: viagem paga até a colônia, lote rural gratuito, assistência médica, sustento por certo período, auxílio financeiro, sementes e animais, liberdade religiosa e naturalização imediata,

o que não foi cumprido a rigor. (BONI e COSTA, 1984, p. 27)

Em 1824, então, colonos alemães chegaram à Província do sul, fato considerado como marco inicial da colonização no Brasil. A necessidade de mão-de-obra nos latifúndios monocultores e, paralelamente, a crise sócio econômica da Itália promoveram a entrada, no Brasil, de imigrantes italianos, somente em 1875.

3.3 As Colonizações Alemã e Italiana

3.3.1 Os Alemães no Rio Grande do Sul

Os primeiros alemães instalaram-se na região da atual cidade de São Leopoldo, às margens do Rio dos Sinos, e se espalharam pela região da planície e ao longo dos rios que desembocam no rio Guaíba, conforme a figura 71. “Em 150 anos de imigração, devem chegar a um total de cerca de 310 mil os alemães entrados no Brasil”. As colônias alemãs são, atualmente, as cidades chamadas de Bom Princípio, Canoas, Dois Irmãos, Novo Hamburgo, Panambi, Taquara, Padre Eterno, Sapiranga, Picada Verão, Bom Princípio, Caí, Montenegro, Nova Petrópolis, Estrela, Lajeado, Teutônia, Santa Cruz, Agudo, São Lourenço do Sul, entre outras, totalizando 142 colônias alemãs no Rio Grande do Sul. (BONI e COSTA, 1984, p. 37)

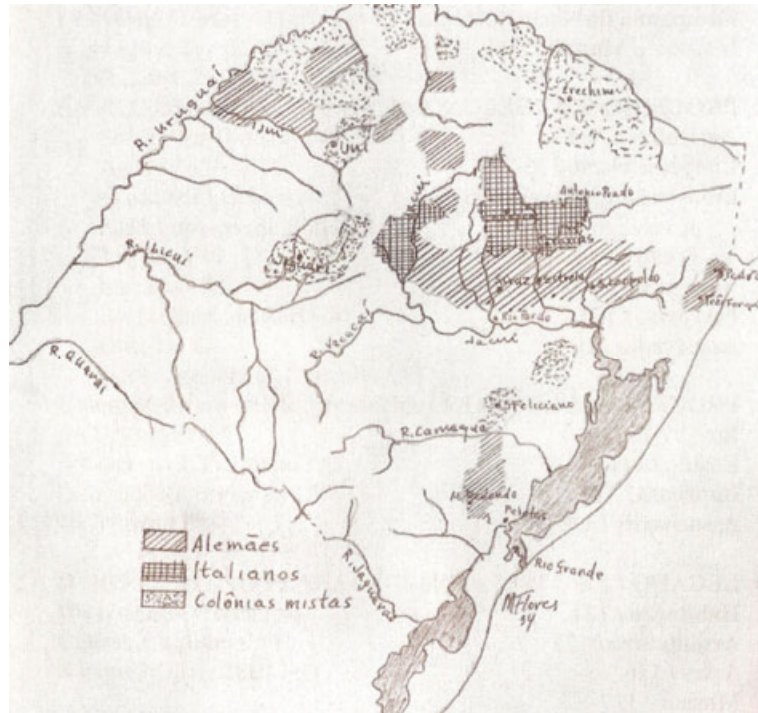


Figura 71: regiões de imigração no Rio Grande do Sul. (FLORES, 2004, p. 9)

As famílias alemãs, geralmente, possuíam pequenas propriedades, onde predominava a policultura de subsistência e onde havia uma casa, de início muito simples, como o exemplo na figura 72. Essa técnica de construção foi ensinada, na segunda metade do século XIX, pelo agente de imigração Joseph Hörmeyer. Mais tarde, tal modelo foi substituído por residência melhor, representada pela arquitetura de enxaimel, nas figuras 73, 74 e 75, a qual se caracterizava por estrutura “com vigamento de madeira de lei a delinear assoalho, teto e aberturas, preenchendo com tijolos os vazios entre os vigamentos”; também era composta por duas construções, sendo uma a “casa”, propriamente dita, com a sala e os quartos, e a outra parte compreendia a cozinha, afastada da primeira por possuir o risco de incêndio conseqüente do uso de fogão à lenha e também de lareira. Somente depois, com a utilização do fogão Berta, mais seguro, é que se afastou tal perigo e se pôde unir as duas partes, por meio de um alpendre, deixando as laterais abertas. (FLORES, 2004, p. 124)

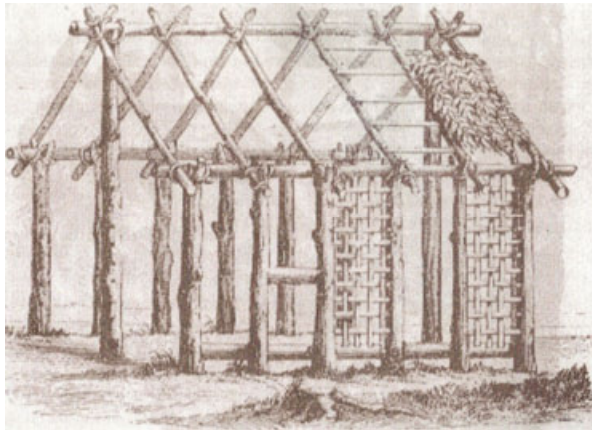


Figura 72: técnica de construção de casa ensinada pelo agente Hörmeyer. (FLORES, 2004, p. 20)



Figura 73: casa em enxaimel em dois blocos distintos, embora já existisse o fogão Berta; interior de Venâncio Aires, 1917. (FLORES, 2004, p. 124)



Figura 74: *Casa Haas* em enxaimel, imigração alemã, Teutônia (RS), 1876. (AQUINO, BORGES e MOURA, 2007, p. 33)



Figura 75: *Casa Grün* em enxaimel, imigração alemã, Teutônia (RS), 1880. (AQUINO, BORGES e MOURA, 2007, p. 34)

Já na arquitetura urbana despontaram alguns profissionais, como,

em 1858, [Felipe] von Normann, responsável pela construção do Theatro São Pedro [na figura 76]. Porto alegre reuniu um grupo teuto bem sucedido economicamente, surgindo arquitetura de influência alemã em residências e em edifícios públicos. Assim, Theo Wiederspahn projetou a atual sede dos correios e Telégrafos, o MARGS (Museu de Arte do Rio Grande do Sul), o Banco Safra (antigo Cine Guarany), o Centro de Cultura Mário Quintana (ex-hotel Majestic), o edifício Ely, com escritórios comerciais, e do Shopping Total (ex-Brahma). Otto Menchen construiu a Alfândega de Porto Alegre, além de elegantes residências nos bairros Menino Deus e Moinhos de Vento. Simão Gramlich construiu a catedral de Santa Cruz do Sul [na figura 77], a matriz de Venâncio Aires [na figura 78] e o prédio do atual Núcleo de Cultura local [na figura 79] [(construções em estilo neogótico)]. Rudolf Ahrons, com requisitado escritório de engenharia, produziu entre 1910-20, construções particulares e para o governo (Banco da Província). José Lutzenberger construiu a igreja São José “dos alemães”, tendo sido também excelente aquarelista. [...] Entre os escultores ressaltam Miguel e João Vicente Friedrich (pai e filho), além de Adlof, que adornaram residências, edifícios públicos e monumentos lapidares. (FLORES, 2004, p. 125-126)



Figura 76: Teatro São Pedro em Porto Alegre. (FLORES, 2004, p. 126)



Figura 77: Catedral de Santa Cruz do Sul, 1927-1939. (FLORES, 2004, p. 46)



Figura 78: Matriz de Venâncio Aires. Iniciada em 1929, recebeu as torres em 1950. (FLORES, 2004, p. 108)



Figura 79: “Núcleo de Cultura de Venâncio Aires [...], 1929”. (FLORES, 2004, p. 128)

A colonização alemã também contribuiu para o surgimento da indústria sul-rio-grandense. Na primeira metade do século XIX, começou a se manifestar o trabalho artesanal, representado, como exemplo, por curtumes, fábrica de sabão, firma de lapidação de pedras semipreciosas, fábrica que desenvolvia trabalhos com crinas e chifres, entre outros. (BONI e COSTA, 1984, p. 40)

O artesanato, enquanto fornecedor de objetos para a vida local, foi muitas vezes de uma técnica rudimentar, quando instalado em zona rural. [...] A produção resultante, à medida em que foi entrando em concorrência com produtos vindos da cidade, tendeu a desaparecer. Entrementes, o artesanato de transformação de produtos agrícolas desenvolveu-se mais e, por vezes, deu origem a fábricas. [...] Contudo não foram geralmente agricultores os pioneiros da indústria, e sim representantes de firmas, ou comerciantes que acumularam capital. Os setores mais característicos da atividade industrial alemã foram o couro (curtume e calçados), a metalurgia, a tecelagem, a impressão, a fabricação de cigarros e cerveja. [...] Foi [...] [o comerciante] quem impôs preço aos produtores rurais, retendo com isso para si a mais-valia dos produtos, tirando, pois, da agricultura o acúmulo inicial de capital que mais tarde haveria de possibilitar a instalação de indústrias na região [Rio Grande do Sul]. Para tanto, contava também com o mercado consumidor de Porto Alegre – e resto do Estado, quando não do país – cujo abastecimento ficou, sem concorrência, em mãos alemãs durante muito tempo. [...] Se se puder demonstrar que o artesanato primitivo ou conhecimentos trazidos da Europa entraram com a mão-de-obra semi-qualificada [sic], comprova-se então, no caso, o que Seyfert afirma com relação à colonização alemã no vale do Itajaí-Mirim. [...] Esta fase de industrialização precisa, enfim, ser enquadrada dentro das novas condições oferecidas pela Província e depois pelo Estado – mesmo pelo Brasil – quando se evoluiu para formas mais complexas de produção, as quais compreendiam, entre outras coisas, uma forte proteção alfandegária, a melhora das comunicações, a produção de energia e a implantação de uma rede bancária. (BONI e COSTA, 1984, p. 41-42)

De acordo com Flores (2004, p. 97), as zonas de mata, onde se assentaram muitos colonos, ofereciam madeira em abundância, material que, com o tempo, passou a ser valorizado,

tanto que foi exportado para o Uruguai e para a Argentina. A partir desse momento, surgiram

primitivas carpintarias [que] evoluíram para fábricas de móveis. A primeira fábrica de móveis a utilizar o “sistema vienense”, de madeira vergada a vapor, foi a de João Gerdau, em 1903, que vingou até a década de 1970, prosseguindo os móveis de madeira vergada, de renome nacional.

Quanto à educação, havia um grande número de analfabetos na Província e o que prevalecia ainda, entre os imigrantes alemães, era a língua de origem. Havia desinteresse pela criação de escolas por parte das autoridades, pois o ensino, na época, era destinado apenas à elite e não à população da zona rural, menos favorecida. Então, os colonos começaram a construir suas próprias escolas, mesmo que a instrução educacional não fosse considerada relevante nessa sociedade. Havia dificuldades para custear as despesas de manutenção e também para pagamento de professores. Em meados do século XIX, a solução encontrada foi a contribuição de sacerdotes católicos e de pastores protestantes europeus em relação às atividades educacionais. Com essa nova situação, a sociedade já se encontrava mais diversificada. Assim, as escolas particulares alemãs foram crescendo e ofereciam à população teuto-brasileira quase duas vezes mais vagas do que as escolas públicas para a população gaúcha. Entretanto, muitas medidas foram tomadas contra as colônias alemãs e contra outras etnias, pois as autoridades temiam, por exemplo, manifestações políticas. Percebiam a preservação consistente da língua e da cultura germânica, o que propiciou o fechamento de escolas e de outras instituições, como clubes, “a fim de evitar o surgimento de nacionalismos espúrios entre os imigrantes”. Outra alternativa encontrada pelas autoridades foi a criação de colônias mistas, já no final do século XIX. (BONI e COSTA, 1984, p. 66)

Segundo Flores (2004, p. 85), “o governo rio-grandense positivista, implantado no início da República, passou a combater o analfabetismo de 74%”, estimulando a rede de escolas públicas com o intuito pró-nacionalização, por meio do ensino do português, geografia e história do Brasil.

3.3.2 Os Italianos no Rio Grande do Sul

Na década em que os italianos chegaram ao Rio Grande do Sul, 1870, este estado já tinha quadruplicado sua população provincial, ficando em torno de 440 mil pessoas. A maioria localizava-se na Depressão Central, no Litoral e na Campanha, e 1/6 dessa população total residia na zona de colonização alemã. Como as terras planas do Estado já estavam ocupadas, sobraram para os italianos e para os poloneses os terrenos acidentados da serra, como retrata a figura 80, com floresta selvagem e animais desconhecidos. Os primeiros “apenas trouxeram roupas e algumas ferramentas: enxadas, foice e facão, para os trabalhos agrícolas”. (ZANCANARO *apud* COSTA, 1974, p. 101)

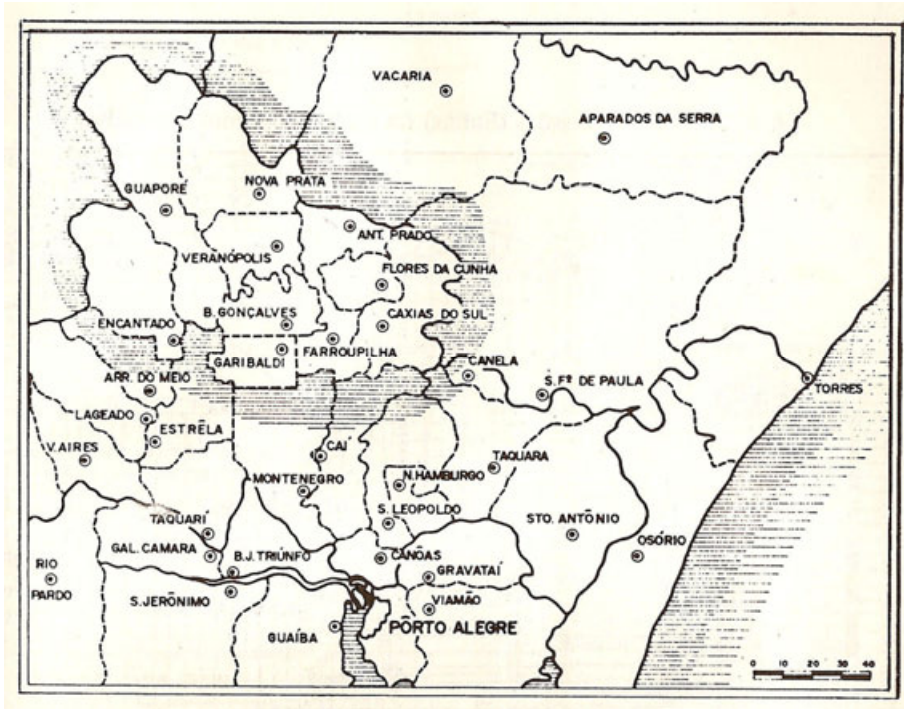


Figura 80: zona colonial italiana, em destaque. (SÁ *apud* BONI e COSTA, 1984, p. 243)

Inicialmente, então, foi realizado o desmatamento para depois ocorrerem as primeiras plantações nas propriedades que foram destinadas aos imigrantes. Tais terras deviam “ser paga[s] com trabalhos, que consistiam, principalmente, no cuidado e abertura de novas estradas”. (SCALCO *apud* COSTA, 1974, p. 101)

Nesse período, segundo Costa (1974, p. 39), as residências eram provisórias, “construídas com bambu ou madeira bruta para as paredes laterais e internas e cobertas de palha, de massegas [sic], ou de um arbusto chamado ‘rabo de burro’”. Complementando, Boni e Costa (1984, p. 129) relatam que estas casas também poderiam ser cobertas por “folhagem de coqueiros, até chegar-se ao aproveitamento do pinheiro araucária, pela facilidade de trabalhá-lo artesanalmente”, tendo como exemplos as casas de madeira nas figuras 81 e 82.



Figura 81: casa de madeira, imigração italiana, estrada de Pinto Bandeira, Bento Gonçalves, 1880. (AQUINO, BORGES e MOURA, 2007, p. 33)



Figura 82: *Casa da Ovelha*, em madeira e construída pelos imigrantes italianos, 1917. (MOVELSUL, 2007)

Houve também a construção de casas de pedra (figuras 83 e 84). Após a primeira década de estabelecimento nas terras gaúchas, surgiram, em maior abundância,

as casas de tijolos domésticos secados ao sol [...], de tijolos domésticos cozidos, de boa textura e, finalmente, de tijolos industrializados em olarias. Interessantes foram os exemplares de casas mistas, com paredes de pedra e madeira, ou com paredes de tijolos e madeira e, às vezes, numa conjugação de pedras, tijolos e madeiras. Geralmente a parte térrea, correspondente ao porão, no caso das construções mistas, era de pedra e madeira, deixando-se o tijolo e a madeira para as paredes do espaço domiciliar. [...] As coberturas das diferentes residências foram, genericamente, no início, coberturas de tabuinhas [...], tiradas de toras de pinus araucária, serradas curtas, e rachadas manualmente e, depois, aplainadas [...]. As coberturas de telhas de canal ou de telhas francesas e as coberturas de zinco foram posteriores às primeiras décadas. [...] Os pisos ou assoalhos das casas eram do mesmo tipo de tábuas que as das paredes externas, porém mais consistentes e trabalhadas. [...] Para portas [figura 85] e janelas faziam-se aberturas de madeiras especiais, construídas, também, com tábuas comuns e presas à construção por dobradiças

de ferro, trabalhadas manualmente ou por dobradiças de couro cru. O vidro das aberturas apareceu mais tarde. Para fechaduras foram tradicionais as tramelas de madeira, quer para as janelas quer para as portas. (BONI e COSTA, 1984, p. 141-142)



Figura 83: casa de pedra, imigração italiana, estrada de Pinto Bandeira, Bento Gonçalves, 1880. (AQUINO, BORGES e MOURA, 2007, p. 34)



Figura 84: casa construída pelos imigrantes italianos. (MOVEISUL, 2007)



Figura 85: portas de madeira esculpida (1ª e 2ª) e talhada (3ª), final do século XIX. (coleção da autora; DESENHO ANÔNIMO, 2007)

No início, as casas coloniais “conservavam a cor natural de seus materiais”. Mais tarde, passou-se a utilizar a caiação, “pintura de cal derretido em água, com cola extraída da fervura de uma variedade de cactos, abundantes em toda a região italiana”. Da mesma maneira evoluíram as construções das capelas. (BONI e COSTA, 1984, p. 142-143)

Sobre os móveis internos de madeira, com exemplos nas figuras 86, 87, 88 e 89, conforme Costa (1974, p. 41 e 102),

eram fabricados a [sic] mão e beneficiados através de navalhas polidoras. As mesas constavam de uma ou duas tábuas de maior largura. [...] Usavam-se bancos de madeira que qualquer um sabia fabricar. Os que possuíam [sic] maior habilidade fabricavam cadeiras, tipo colonial, revestidas de palhas de massugas [sic]. [...] Com o tempo, estas [sic] peças foram substituídas por móveis mais trabalhados.



Figura 86: móveis e utensílios domésticos com procedência das imigrações italiana e alemã. (coleção da autora; DESENHO ANÔNIMO, 2007)



Figura 87: móveis e utensílios domésticos com procedência das imigrações italiana e alemã. (coleção da autora; DESENHO ANÔNIMO, 2007)



Figura 88: cadeira de balanço, em detalhe. (coleção da autora; DESENHO ANÔNIMO, 2007)

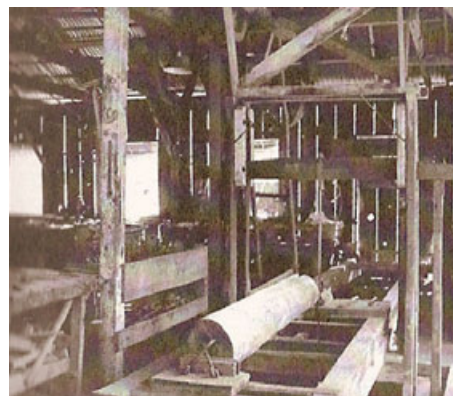
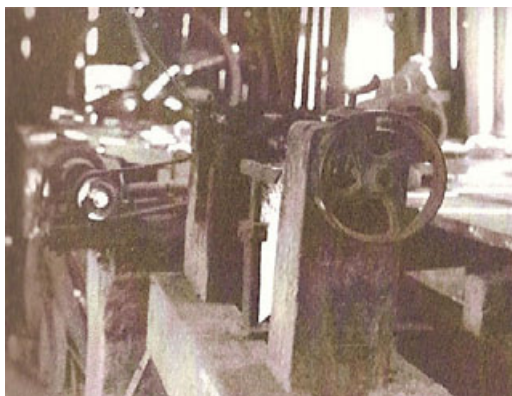


Figura 89: cadeiras, em detalhe. (coleção da autora; DESENHO ANÔNIMO, 2007)

Complementando, Fontoura (2006a, p. 20-21) relata que

foi preciso beneficiar a madeira por meio do falquejo, isto é, pela operação de reduzir a quadrados ou retângulos as seções circulares das toras de madeira ou da rachadura e do serramento à mão por meio do sistema de estaleiro. O acabamento era efetuado por meio da plaina e de ferramentas como o spiolador,

tendo, como exemplos, as máquinas para a manufatura de móveis, bem como as instalações das marcenarias, nas figuras 90 e 91.



Figuras 90 e 91: exemplos das instalações de marcenarias e de suas máquinas para a manufatura de móveis. (FONTOURA, 2006a, p. 19 e 21, respectivamente)

Outras características desse período eram conseqüências da revolução industrial:

havia já estradas-de-ferro, rede telegráfica, um sistema bancário incipiente e uma organizada navegação fluvial, com barcos a vapor. A Província, embora basicamente marcada pela pecuária, contava já com uma grande produção agrícola, proveniente principalmente das colônias alemãs. A modernização fazia-se sentir também no domínio das letras e na importância que o ensino começava a ganhar na consciência de muitas autoridades. Politicamente, estavam curadas as feridas separatistas provocadas pela Guerra dos Farrapos e o governo voltava a investir em obras públicas na região da Campanha; a Guerra do Paraguai estava há pouco concluída quando aportaram os primeiros italianos, as campanhas do Prata eram fatos do passado, e a escravidão, proibida nas colônias, agonizava na Província. (BONI e COSTA, 1984, p. 62-63)

Das colônias primitivas, surgiram os municípios atuais, conforme a tabela 22:

Tabela 22 – Colônias Primitivas e Municípios Atuais

COLÔNIA PRIMITIVA	MUNICÍPIOS ATUAIS
Colônia Caxias	Caxias do Sul Flores da Cunha Farroupilha São Marcos
Dona Isabel	Bento Gonçalves
Conde d'Eu	Garibaldi Carlos Barbosa
Antônio Prado	Antônio Prado
Alfredo Chaves	Veranópolis Nova Prata Nova Bassano Cotiporã
Guaporé	Guaporé Muçum Serafina Correa Casca
Encantado	Encantado Nova Brésia

Fonte: FROSI-MIORANZA *apud* BONI e COSTA, 1984, p. 69

Os imigrantes que chegaram da Itália eram provenientes do norte desse país, como mostra o mapa na figura 92, região que foi a mais atingida pela crise econômica no momento da unificação e pelo desemprego decorrente da industrialização, exemplificada na figura 93, entre outros motivos. Quanto à proveniência, tem-se a percentagem segundo a tabela 23.



Figura 92: a Itália e suas regiões. (BONI e COSTA, 1984, p. 242)

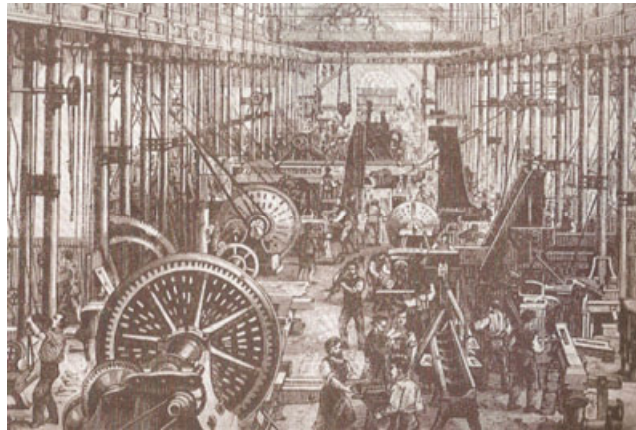


Figura 93: a industrialização na Europa, a qual ampliou a substituição de mão-de-obra, gerou o desemprego e estimulou a imigração para o Brasil. (FLORES, 2004, p. 16)

Tabela 23 – Proveniência dos Italianos chegados no Rio Grande do Sul

Imigrantes	Percentagem
Vênetos	54 %
Lombardos	33 %
Trentinos	7 %
Friulanos	4,5 %
Outros	1,5 %
TOTAL	100 %

Fonte: FROSI-MIORANZA *apud* BONI e COSTA, 1984, p. 79

A maioria dos italianos dizia-se agricultor para poder entrar no Brasil, já que o interesse do governo era por trabalhadores dessa área. Mas, na verdade, muitos deles gostariam de exercer a profissão que desenvolviam na Itália. Alguns já eram aceitos como artífices, comerciantes, etc. Dessa forma, logo após a fundação das colônias, tanto as famílias italianas como as alemãs, tornavam-se auto-suficientes. “O trabalho tornou-se para o colono, o segredo da fortuna, causa do progresso e prova de honorabilidade. [...] Paralela à ideologia do trabalho corria uma maneira diferente de conduzir-se economicamente: gastava-se o menos possível”. Com isso, algumas famílias enriqueceram. (BONI e COSTA, 1984, p. 85)

Como no caso das colônias alemãs,

o quadro sócio-cultural das colônias italianas do RS não era um prolongamento da Itália (...), como também não constituía um perigo político (...). Era simplesmente uma expressão natural, espontânea dos valores culturais dos imigrantes, favorecida pelo isolamento. (MANFROI *apud* BONI e COSTA, 1984, p. 118)

Depois de supridas as necessidades de consumo caseiro, os excedentes eram disponibilizados para o mercado regional e nacional. Suas produções eram caracterizadas pelo cultivo do trigo, vinho e milho, não que esses produtos nunca tivessem sido cultivados anteriormente no Rio Grande do Sul, mas destacou-se pela larga escala, sendo a produção de vinho a mais importante e perdura até hoje de acordo com as atualizações necessárias para o seu progresso.

Foi por meio da carreta de quatro rodas, puxada por mulas, cavalos e bois, como mostra a figura 94, que

os carreteiros levavam o progresso e criavam a primeira forma de interação sócio-cultural entre as comunidades. [...] Durante cerca de meio século, foi o único veículo de transporte na zona colonial. Sobre o velho traste, hoje desaparecido, viajavam os gêneros, os cereais, os instrumentos, as mudanças, os produtos industriais, os artigos de comércio e o próprio homem. (BONI e COSTA, 1984, p. 172-173)



Figura 94: “colonos em mutirão conduzem à serraria pesado [sic] toro [sic] de madeira-de-lei. Interior de Venâncio Aires”. (FLORES, 2004, p. 102)

Já os tropeiros eram representados por aqueles que percorriam distâncias mais longas e faziam negócios de compra e venda ou de troca de mercadorias. Os balseiros faziam o transporte pelos rios.

Aqueles colonos que se dirigiam para a vila, depois para a cidade, como Caxias do Sul, cidade já com a presença de fábricas, onde o progresso industrial e a vida urbana passaram a atrair a mão-de-obra, buscavam trabalhar como artífices, já que essa região era carente desse tipo de profissional. Aos poucos, os artesãos iam aumentando suas fortunas enquanto prestavam serviços àqueles indivíduos ligados à pecuária, atividade que formava a base econômica da maioria dos municípios da região. Os artesãos, os quais exerciam tarefas como ferreiros, alfaiates, sapateiros, pedreiros, carpinteiros, entre outras, tiveram um aumento em número mais significativo a partir do final da Segunda Guerra Mundial.

A partir da segunda metade do século XX, “com o crescimento do comércio e da indústria, a mão-de-obra rural passou a ser exigida, seguindo-se o êxodo rural incontrolável”. (BONI e COSTA, 1984, p. 178)

Cabe destacar que,

sem negar a importância dos conhecimentos técnicos trazidos pelos imigrantes, e mesmo sabendo de sua vontade de vencer ao chegar à América, não se pode contudo esquecer o acúmulo de capital, dentro do Rio Grande do Sul, que possibilitou o surto de industrialização no eixo entre Porto Alegre e Caxias do Sul e beneficiou diretamente a região das primitivas colônias italianas. (BONI e COSTA, 1984, p. 185)

Os imigrantes italianos entravam no Brasil declarando-se agricultores, o que facilitava seu ingresso neste país, mas muito deles jamais trabalharam nas lides rurais, eram artesãos. Eles possuíam “conhecimentos de técnicas industriais rudimentares”. (BONI e COSTA, 1984, p. 214)

Segundo Boni e Costa (1984, p. 215),

o surto industrial da colônia italiana, como o gaúcho e o brasileiro, não está ligado a invenções, ao uso de técnicas avançadas desconhecidas. Trata-se, isto sim, do emprego de técnica já dominada há décadas em países industrializados. Reproduziu-se, na região, o que já se havia visto na Europa e que, na maior parte dos casos, não exigia maiores conhecimentos, nem investimentos muito elevados. Depoimentos pessoais e históricos de firmas falam de viagens ao exterior para a aquisição de máquinas; de correspondência com outros países, informando-se sobre técnicas; de imitação simplificada e adaptada, e mesmo de aplicação prática do que se lia em manuais. [...] Com isso evidencia-se a função de substituição de importações, que assumiu a indústria brasileira em seu conjunto, bem como os nexos de dependência que desde o início a uniram a outros países capitalistas.

Em função do acúmulo de capital na região colonial italiana, o mesmo pôde ser reinvestido “nos ramos vinícola, madeireiro, tritícola e de produtos suínos”. (BONI e COSTA, 1984, p. 216)

Como exemplo, a cidade de Caxias do Sul, em 1892, já possuía várias serrarias, moinhos, ferrarias, marcenarias, sapatarias, alfaiatarias, entre tantos outros empreendimentos, atividades que se transformaram em indústrias e se originaram algumas do comércio e outras do artesanato. Gallo, citado por Boni e Costa (1984, p. 217), diz que

o artesanato rural de transformação de gêneros - chamado por Gallo de “indústria doméstica” - visando à exportação, teve que competir com a empresa capitalista e foi liquidado. Já o trabalho artesanal de ferreiros, serralheiros, funileiros etc., voltado à satisfação de necessidades da colônia, cresceu até a primeira guerra mundial, para depois manter-se estagnado, devido à concorrência de produtos estrangeiros, que lhe tiraram boa parte do mercado urbano. [...] Às vésperas da segunda guerra, durante e após ela, é que tais firmas passam a crescer e tomam o formato de indústrias modernas. O lento crescimento foi devido, pois, ao baixo grau de inserção no mercado nacional, o que só se superou na década de 40. Nestas firmas, o processo de acúmulo de capital não esteve ligado à empresa comercial, mas proveio da poupança interna, dentro do próprio estabelecimento. A inserção no mercado nacional propiciou a este capital a possibilidade de uma rápida reprodução. E posteriormente, [...] surge o financiamento bancário e a redefinição do modelo industrial brasileiro.

Os colonos não davam muita importância ao ensino, pois consideravam que era possível adquirir bens apenas por meio do trabalho, sem a necessidade da instrução educacional, quadro que foi mudando com o tempo, quando começaram a surgir as primeiras escolas. Inicialmente, eram construídas ao lado da capela, local onde acontecia a vida social dos imigrantes. Tais instituições eram promovidas por religiosos de várias etnias de imigrantes, durante todo século XIX e início do século XX, e as aulas também eram ministradas por frades e freiras estrangeiros ou por filhos de imigrantes que seguiram a carreira eclesiástica. Mais tarde, começavam a surgir centenas de formados, filhos de colonos, os quais passaram a se integrar na vida pública e em profissões liberais, tais como em setores técnicos e na política. Os religiosos “passaram também a construir e administrar hospitais”. (BONI e COSTA, 1984, p. 116)

“Em 1950, cerca de 60 congregações religiosas trabalhavam no Estado, e seus estabelecimentos educacionais foram surgindo por toda a parte, culminando com a ereção de uma Universidade Católica em Porto Alegre”. (BONI e COSTA, 1984, p. 199)

3.4 A Industrialização no Rio Grande do Sul

Conforme Boni e Costa (1984, p. 211), no século XIX, a industrialização passou a se desenvolver principalmente na zona de colonização alemã e, mais tarde, na italiana, isso por consequência de um acúmulo de capital e pela existência de um mercado consumidor nessas áreas, as quais se localizavam distante do centro do país. Já na campanha, ao contrário, nunca se “conseguiu acumular o capital necessário para o financiamento de um projeto industrial”, pois havia pouca densidade demográfica, além da produção extensiva (pecuária tradicional). Mesmo no século XX, “quando se pensou em partir para a construção de frigoríficos, os campos descapitalizados necessitaram de recursos do exterior”.

No final do século XVIII, na região de Pelotas, devido à localização do único porto marítimo gaúcho, surgiu a indústria saladeira com a produção do charque, o qual era exportado para o centro do país e para outros países.

É ponto pacífico que o capital acumulado nas charqueadas possibilitou o surgimento de indústrias em Pelotas e Rio Grande. Nesta localidade, em 1874, surgiu o que se pode chamar de primeira fábrica gaúcha, a “União Fabril”, tendo como proprietários os alemães Vater e Rheingantz. A localização junto ao porto, fez com que as indústrias riograndinas estivessem desde cedo em contato com o resto do país, o que as levou a disputar mercado com outras concorrentes. Devido a isto [sic], sobreviveram naquela localidade as indústrias de maior porte e que, desde logo, partiram para uma maior especialização. Até 1920, Rio Grande foi um pólo industrial mais importante que Porto Alegre. [...] Nesta cidade, porto e confluência da produção da zona colonial, as primeiras indústrias surgiram mais no fim do século, tendo como proprietários indivíduos de origem alemã. Eram, geralmente, firmas de menor porte, e voltadas mais para satisfazer às necessidades regionais. As dificuldades de transporte protegiam-nas da concorrência de outros centros, e seu mercado baseava-se fundamentalmente no poder aquisitivo da zona de colonização. (BONI e COSTA, 1984, p. 212)

Há controvérsia sobre como surgiu a indústria sul-rio-grandense. Alguns autores defendem que ela se desenvolveu a partir do artesanato realizado pelos imigrantes; outros dizem que o artesanato foi liquidado antes mesmo do surgimento da industrialização, quando passou a perder espaço perante a importação de bens de indústrias estrangeiras.

Com isto [sic], salienta-se a importância do comerciante nos primórdios da colonização e no início da industrialização. Sua “casa de negócio” diferia muito de uma firma comercial moderna, assemelhando-se mais a um misto de super-mercado [sic], banco, transportadora e manufatura de produtos agropecuários. Na casa de negócio o colono encontrava tudo o de que necessitava, provindo da grande cidade, ou mesmo do exterior, e a ela entregava sua produção, já que as dificuldades de transporte impediam-no de levá-la até os centros consumidores. [...] As grandes firmas comerciais acabavam localizando-se em Porto Alegre, ou ao menos tendo lá uma filial. Muitas tinham linhas de navegação e quase todas, suas tropas de transporte. [...] “O intercâmbio comercial gerou acúmulo de capital nas mãos dos comerciantes, proporcionando condições de investimentos em empreendimentos comerciais ainda maiores e em indústrias. Dinastias econômicas germano-rio-grandenses, como Trein, Ritter, Renner, Mentz, Bromberg, Dreher, Sperb, etc., originaram-se em atividades comerciais e instalaram fábricas importantes posteriormente”. (MOURE *apud* BONI e COSTA, 1984, p. 213)

Já segundo Delhaes-Guenther, citado por Boni e Costa (1984, p. 214), o qual desenvolveu um histórico sobre as indústrias teuto-brasileiras no Estado, constatou que os comerciantes não foram os únicos a partirem para a industrialização, defendendo que houve quatro grupos fundadores, representados por “artesãos nascidos no Brasil; [...] empresários que trouxeram da Europa conhecimentos artesanais ou industriais; [...] empresários que adquiriram conhecimentos no ramo devido ao comércio interno ou externo; [...] [e] empresários sem nenhum conhecimento no ramo”.

3.5 O Design, a Industrialização e o Comércio

Segundo Norberto José Pinheiro Bozzetti (2004, p. 32), os antecedentes históricos do design gaúcho foram representados, num primeiro momento, pela necessidade de nativos e imigrantes, mesmo que pouco preparados, em criar soluções próprias em pequenas produções, referentes a ferramentas (figura 95), mobiliário (figuras 96, 97, 98 e 99) e acessórios diversos. Com as colonizações mais recentes, era evidente o predomínio de padrões alemães e italianos, além de influências estéticas francesas e espanholas, desde o fim do século XIX e início do século XX.

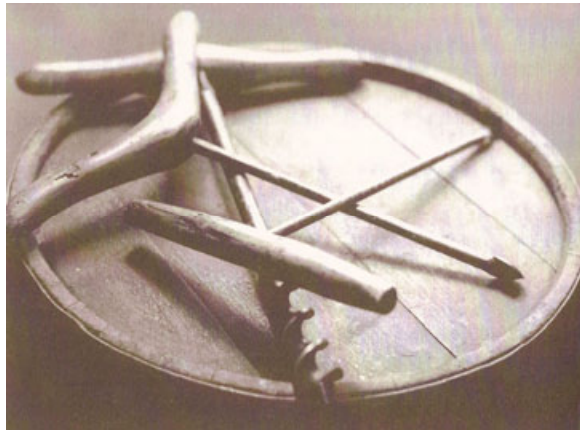


Figura 95: ferramentas dos imigrantes italianos. (FONTOURA, 2006a, p. 16)



Figuras 96, 97 e 98: móveis produzidos pelas imigrações alemã e italiana no sul do Brasil. (MCB, 2007)



Figura 99: detalhe de um móvel. (FONTOURA, 2006a, p. 23)

Já no período entre as duas Guerras Mundiais (1919 a 1939), a indústria gaúcha começou a se desenvolver, buscando soluções para produtos realizadas, muitas vezes, por “práticos”, os quais viviam num círculo artístico formado pelas Escolas de Belas Artes, juntamente com as influências européias daquele tempo.

No decorrer das décadas de 20, 30, 40 e 50, do século XX, houve uma relativa consolidação da indústria no Rio Grande do Sul, a qual, além de soluções estéticas, buscava soluções técnicas, conforme ocorria a evolução tecnológica produtiva no mundo desenvolvido. A partir da expansão da comunicação por meios como o cinema, o rádio, as revistas e, mais tarde, a televisão, a informação chegava a todos os lugares e estimulava a imaginação de muitos.

Com os obstáculos decorrentes das Guerras Mundiais, como as dificuldades financeiras e de importação, as fábricas da época defendiam-se com a construção de máquinas por elas desenvolvidas. Mesmo com limitações de todo tipo, a criatividade local tratou de gerar produtos viáveis naquelas condições técnicas. “Essa demanda por uma criatividade local, focada na tecnologia possível, conduziu à formação de um pólo de Design, nas escolas técnicas e na engenharia”. (BOZZETTI, 2004, p. 33)

As correntes que, no Brasil, influenciaram os designers, a partir da década de 1950, foram os modelos norte-americano e europeu: aquele com a decoração do tipo “pé de palito” em móveis, por exemplo; e este com a predominância das características da Bauhaus e de outras escolas tradicionais. Assim, houve um relativo distanciamento entre os profissionais de criação, em que o diretor de arte passou a manter um estilo mais americanizado, e o designer, mais europeizado.

O mercado, no início dos anos de 1960, era um pouco resistente diante dessa nova profissão que surgia. Algumas indústrias copiavam os produtos de outros países, ou os profissionais das mesmas, como os próprios donos ou os chefes das famílias fundadoras, bem como alguns contratados, muitos sem qualquer formação específica, desenvolviam e adaptavam projetos de produtos. Ainda havia aquelas empresas que contavam com o serviço de designers (ou desenhistas industriais), assim se identificavam, mas acabavam trabalhando junto à engenharia e projetavam em função da tecnologia disponível. Porém, outras indústrias buscavam inovar por meio do trabalho de bons designers. E estes, providos de conhecimentos teóricos e de um bom nível de comunicação, passaram a divulgar e propagar a sua profissão.

Após a abertura das indústrias para esse novo profissional, este passou a analisar as melhores oportunidades para que seu projeto se concretizasse.

Conhecendo melhor o seu cliente e sua concorrência, identificando tendências do mercado, estudando as características do problema a resolver, alguns Designers [...] ousaram propor inovações em negócios e em empreendimentos, chegando a causar mudanças de rumo que afetaram positivamente a vida de algumas empresas gaúchas. (BOZZETTI, 2004, p. 39-40)

Diante do cenário econômico gaúcho, o setor que mais investia no design era o privado, ligado ao comércio e à indústria. Essas áreas buscavam fortalecer suas marcas. As indústrias procuravam sempre aumentar sua produtividade e, conseqüentemente, o seu

porte como empresa, de pequeno para médio, de médio para mais, mesmo que, nesse período inicial da segunda metade do século XX, ainda não existiam empresas gaúchas que pudessem ser chamadas de grandes. Mas com o desenvolvimento progressivo que vinham alcançando, passaram a arriscar em outras regiões do Brasil e até em outros países. O designer, além da própria elaboração do projeto de produto, por exemplo, acabava também por se envolver com outras atividades ligadas à geração de embalagens, marcas, *stands* em exposições, sinalizações e outras. No comércio, por sua vez, nos anos de 1970, começaram a emergir redes de lojas, como também houve o surgimento dos primeiros hipermercados e, logo, dos *shopping centers* (ou centros comerciais, como eram chamados na época). Nesse setor de serviços, o designer também encontrou o seu lugar e, assim, o design passou a fluir mais naturalmente no Rio Grande do Sul.

3.6 A Indústria Moveleira no Rio Grande do Sul

No Rio Grande do Sul, a origem da indústria moveleira ocorreu, principalmente, na região da serra gaúcha, onde estão localizados os municípios formados pela colonização italiana, como já mencionado.

Com o conhecimento e a tradição dos imigrantes, iniciou-se a produção de móveis de forma artesanal e voltada para o consumo próprio. A partir da década de vinte, já se encontravam estabelecidas pequenas empresas moveleiras que produziam seus produtos sob encomenda, ainda em pequena escala, pois a demanda no período era muito incipiente. A produção em escala industrial apresenta significativo incremento a partir da década de cinquenta, quando se verificam a ampliação da produção e a implantação de novas empresas que já comercializavam seus produtos no mercado estadual. O auge do crescimento da indústria é verificado no decorrer das décadas de sessenta e setenta, com a implantação de um número significativo de novas empresas na região da Serra Gaúcha. [...] Cabe destacar que o controle do capital das empresas moveleiras gaúchas continua sendo na sua totalidade nacional. (ALIEVI e VARGAS, 2002, p. 190)

Na tabela 24, conforme IEMI (2006b, p. 11), pode-se observar os números da indústria de móveis no Rio Grande do Sul, dados de 2005. Cabe destacar que as vendas correspondiam “a 3,1% das receitas brutas da indústria de transformação do estado”. Já quanto ao emprego, esse segmento abrigava “4,9% do total de trabalhadores alocados no setor industrial do estado”. Estes números mostram que a “indústria sul rio grandense [sic] de móveis [...] possui uma importância ainda mais significativa na economia do seu estado, do que o setor moveleiro nacional na economia do país”.

Tabela 24 – Números da Indústria Moveleira no Rio Grande do Sul

Indústrias / Industries ⁽¹⁾	2.205 unidades / 2,205 units
Empregos / Jobs	28.930 funcionários / 28,930 employees
Produção / Production	58,7 milhões de peças (309 mil colchões) 58.7 million pieces (309 million mattresses)
Vendas / Sales	R\$ 3,2 bilhões (R\$ 14,1 milhões em colchões) R\$ 3.2 billion (R\$ 14.1 million mattresses)
Exportações / Exports	US\$ 272,9 milhões / US\$ 272.9 million
Investimentos / Investments	R\$ 58,8 milhões / R\$ 58.8 million
Nota: (1) Não inclui empresas sem empregados.	
Note: (1) Does not include companies without employees.	

Fonte: IEMI, 2006b, p. 11

Até 2005, o Rio Grande do Sul possuía 2.205 empresas moveleiras, incluindo fabricantes de colchões. E 365 dessas indústrias são responsáveis pela fabricação de partes componentes, cuja produção refere-se à “necessidade de se aproveitar a capacidade de produção de máquinas muito modernas, que do contrário, seriam sub-utilizadas”. As tabelas 25, 26, 27 e 28 complementam tais dados, enquanto relacionam as empresas moveleiras com o tipo de produto fabricado, com a natureza dos móveis produzidos, com o tipo de móvel produzido e com a sua política de produção, respectivamente. Acredita-se que a redução na capacidade de compra do mercado interno seja um dos motivos da queda na produção moveleira que ocorre em certos momentos. Do contrário, quando há “uma melhoria na renda média das famílias, [isso pode ocorrer] como consequência de um abrandamento na política macroeconômica do governo, tida como bastante provável para um ano eleitoral”, por exemplo. (IEMI, 2006b, p. 12-15)

Tabela 25 – Empresas segundo o Tipo de Produto Fabricado

Empresas segundo o tipo de produto fabricado Companies according to type of product produced			
Fabricantes Manufacturers	Rio Grande do Sul	Brasil Brazil	R. Gde. Sul / Brasil R. Gde. Sul / Brazil
Móveis de Madeira Wood Furniture	1.727	11.990	14,4%
Móveis de Metal Metal Furniture	188	1.097	17,1%
Móveis Estofados Upholstered Furniture	144	928	15,5%
Outros Móveis Other Furniture	130	91	142,9%
Móveis total Total Furniture	2.189	14.106	15,5%
Colchões Mattresses	16	295	5,4%
Total Geral^{(1) (2)} Overall Total^{(1) (2)}	2.205	14.401	15,3%
Fonte: IEMI Nota: (1) Considera para efeitos de classificação, o produto preponderante na produção. (2) Não inclui empresas sem empregados.		Source: IEMI Note: (1) For classification purposes, the most prominent product in production. (2) Does not include companies without employees.	

Fonte: IEMI, 2006b, p. 12

Tabela 26 – Empresas segundo a Natureza dos Móveis Produzidos

Empresas segundo a natureza dos móveis produzidos <i>Companies according to type of furniture produced</i>						
Natureza do móvel produzido <i>Type of Furniture Produced</i>	Frequência <i>Frequency</i>		Idade média (anos) <i>Average Age (years)</i>	Nº unid fabris (média) <i># of factory units (average)</i>	Área construída (média/m²) <i>Constructed Area (average/m²)</i>	Funcionários (média) <i>Employees (average)</i>
	Empresas <i>Companies</i>	%				
Móveis de madeira <i>Wood Furniture</i>	1.727	78,3%	13	1	4.367	20,3
Móveis de metal <i>Metal Furniture</i>	188	8,5%	16	1	1.555	17,5
Móveis estofados <i>Upholstered Furniture</i>	144	6,5%	19	1	2.671	7,6
Outros móveis <i>Other Furniture</i>	130	5,9%	20	1	1.325	5,8
Colchão <i>Mattresses</i>	16	0,7%	14	1	2.173	9,1
Total / Total ⁽¹⁾	2.205	100%	-	-	-	-
Média / Average	-	-	16,9	1,0	3.470,2	16,1

Fonte: IEMI
Nota: (1) Não inclui empresas sem empregados.

Source: IEMI
Note: (1) Does not include companies without employees.

Fonte: IEMI, 2006b, p. 13

Tabela 27 – Empresas segundo o Tipo de Móvel Produzido

Empresas segundo o tipo de móvel produzido <i>Companies according to type of furniture produced</i>				
Produtores <i>Producers</i>	Rio Grande do Sul		Brasil / Brazil	
	Empresas <i>Companies</i>	%	Empresas <i>Companies</i>	%
Escritório / Office	712	32,3%	3.874	18,4%
Dormitório / Bedroom	1.080	49,0%	7.857	13,7%
Sala de jantar / Dining Room	827	37,5%	4.093	20,2%
Sala de estar / Living Room	643	29,2%	3.326	19,3%
Estofados / Upholstered Furniture	528	24,0%	2.777	19,0%
Móveis modulados / Modular furniture	275	12,5%	3.362	8,2%
Outros móveis / Other Furniture	368	16,7%	3.691	10,0%
Colchão / Mattresses	16	0,7%	295	2,0%
Total / Total ⁽¹⁾⁽²⁾	2.205	100,0%	14.401	15,3%

Fonte: IEMI
Nota: (1) Respostas múltiplas.
(2) Não inclui empresas sem empregados.

Source: IEMI
Note: (1) Multiple answers.
(2) Does not include companies without employees.

Fonte: IEMI, 2006b, p. 13

Tabela 28 – Empresas segundo sua Política de Produção

Empresas segundo sua política de produção <i>Companies according to production policy</i>				
Política de produção <i>Production policy</i>	Rio Grande do Sul		Brasil / Brazil	
	Empresas <i>Companies</i>	%	Empresas <i>Companies</i>	%
Produção em série <i>Serial production</i>	1.470	67,2%	7.942	56,3%
Produção sob desenho <i>Customized production</i>	1.103	50,4%	7.998	56,7%
Produção de partes <i>Production of Parts</i>	275	12,6%	1.016	7,2%
Montagem de partes <i>Assembly of Parts</i>	138	6,3%	480	3,4%
Total⁽¹⁾⁽²⁾⁽³⁾	2.189	100,0%	14.106	100,0%
Fonte: IEMI Nota: (1) Respostas múltiplas. (2) Não inclui os produtores de colchões. (3) Não inclui empresas sem empregados. Source: IEMI Note: (1) Multiple answers. (2) Does not include mattress producers. (3) Does not include companies without employees.				

Fonte: IEMI, 2006b, p. 14

“Distribuindo-se as empresas por faixa de faturamento, é possível verificar que o setor é formado principalmente por empresas de pequeno e médio porte (como aliás em todo mundo). É assim que 79% delas faturam até R\$ 1,2 milhões/mês”, como mostra a tabela 29. Tais empresas “trabalham basicamente em um único turno e raramente rodam mais de 8 horas por turno. No todo, o parque sul riograndense [sic] opera à razão de 8hs [sic] e 20m por dia”, tabela 30. Quanto ao

número de funcionários utilizados [este] cresceu 5% em 2004%, mas perdeu cerca de 16% em 2005, do que resultou uma diminuição de 12% no número de empregos oferecidos, no período 2003 a 2005. Em torno de 87% da força de trabalho é utilizada nas áreas produtivas das empresas, cerca de 12% na administração, enquanto pouco menos de 2% dos funcionários, respondem pelas vendas. É verdade que em apoio à equipe de vendedores próprios, as empresas mantêm cerca de 3.200 representantes comerciais, número que cresceu ligeiramente em 2005 (um aumento de 2,6% sobre o ano anterior),

tabela 31. (IEMI, 2006b, p. 17-18)

Tabela 29 – Distribuição das Empresas segundo seu Faturamento Mensal

Distribuição das empresas segundo seu faturamento mensal <i>Distribution of companies according to monthly earnings</i>				
Faixas de faturamento (em R\$) <i>Earnings Brackets in (in R\$)</i>	Distribuição / Distribution			
	Mov. resid. <i>Home Furniture</i>	Mov. de escrit. <i>Office Furniture</i>	Colchões <i>Mattresses</i>	Total <i>Total</i>
Até 120 mil/mês <i>Up to 120 thousand/month</i>	43,2%	46,6%	62,5%	44,4%
De 121 a 600 mil/mês <i>From 121 to 600 thousand/month</i>	32,4%	20,0%	25,0%	28,7%
De 601 a 1,2 milhão/mês <i>From 601 to 1.2 million/month</i>	5,4%	6,7%	-	5,6%
De 1,21 a 6,0 milhões/mês <i>From 1.21 to 6.0 million/month</i>	12,2%	20,0%	12,5%	14,8%
De 6,1 a 10,0 milhões/mês <i>From 6.1 to 10.0 million/month</i>	2,7%	6,7%	-	3,7%
Acima de 10,0 milhões/mês <i>Over 10.0 million/month</i>	4,1%	-	-	2,8%
Total / Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: IEMI – Source: IEMI

Fonte: IEMI, 2006b, p. 17

Tabela 30 – Regime de Trabalho

Regime de trabalho <i>Work regime</i>		
Turnos / Shifts	Empresas / Companies	Horas Trabalhadas / Hours worked
1	91,0%	8,4
2	7,9%	17,0
3	1,1%	24,0
Média / Average	-	8,3

Fonte: IEMI – Source: IEMI

Fonte: IEMI, 2006b, p. 18

Tabela 31 – Número de Funcionários

Número de funcionários <i>Number of employees</i>			
Área de trabalho / Work area	2003	2004	2005
Produção / Production	29.060	30.346	25.187
Administração / Administration	3.209	3.489	3.351
Vendedores próprios / Own sales force	431	512	392
Representantes comerciais / Sales representatives	2.990	3.164	3.245
Total do setor / Total for sector⁽¹⁾	32.700	34.347	28.930
Total de móveis / Total furniture	31.921	33.521	28.114
Total de colchões / Total mattresses	779	826	816

Fonte: IEMI
Nota: (1) Os representantes comerciais não estão incluídos.

Source: IEMI
Note: (1) The sales representatives are not included.

Área de trabalho / <i>Work area</i>	Distribuição / <i>Distribution</i>		
	2003	2004	2005
Produção / <i>Production</i>	88,9%	88,3%	87,0%
Administração / <i>Administration</i>	9,8%	10,2%	11,6%
Vendedores próprios / <i>Own sales force</i>	1,3%	1,5%	1,4%
Representantes comerciais / <i>Sales representatives</i>	9,1%	9,2%	11,2%
Total do setor / <i>Total for sector</i>	100,0%	100,0%	100,0%
Total de móveis / <i>Total furniture</i>	97,6%	97,6%	97,2%
Total de colchões / <i>Total mattresses</i>	2,4%	2,4%	2,8%

Fonte: IEMI – Source: IEMI

Área de trabalho / <i>Work area</i>	Evolução / <i>Evolution</i>		
	2003	2004	2005
Produção / <i>Production</i>	100,0	104,4	86,7
Administração / <i>Administration</i>	100,0	108,7	104,4
Vendedores próprios / <i>Own sales force</i>	100,0	118,8	90,9
Representantes comerciais ^(*) / <i>Sales representatives^(*)</i>	100,0	105,8	108,5
Total do setor / <i>Total for sector</i>	100,0	105,0	88,5
Total de móveis / <i>Total furniture</i>	100,0	105,0	88,1
Total de colchões / <i>Total mattresses</i>	100,0	106,0	104,7

Fonte: IEMI – Source: IEMI

Fonte: IEMI, 2006b, p. 18-19

Sobre o consumo de matérias-primas, como revela a tabela 32, quanto ao segmento de móveis de madeira, 59% corresponde ao uso de madeira serrada, sendo 30% de pinus e 29% de “madeira de lei”; 41% equivale a madeiras industrializadas, sendo 22% de MDF e 16% de aglomerado; e não mais que 3% de chapas de fibras duras. No segmento de móveis de metal, 66% refere-se à utilização de tubo, ficando o restante com as chapas (34%). No grupo dos móveis de vime, ratan e semelhantes, o primeiro material corresponde a 80% do consumo total (“quase que só de origem nacional”), ficando o restante com ratan e semelhantes (“quase sempre importados”). Já a tabela 33 mostra a origem dessas matérias-primas consumidas.

Além desses produtos, o mercado consome cerca de 1,84 milhões de metros cúbicos de espumas, na produção de colchões e estofados, e de outros artigos em quantidades pequenas e variáveis, como inox, vidros, cerâmicas, cortiças, etc., cuja demanda varia bastante, em função da moda momentânea. (IEMI, 2006b, p. 19)

Tabela 32 – Consumo de Matérias-Primas em 2005

Consumo de matérias-primas em 2005 <i>Raw material consumption in 2005</i>						
Tipo de móvel produzido <i>Type of Furniture Produced</i>	Unid. <i>Units</i>	Consumidores <i>Consumers</i>	% <i>%</i>	Consumo médio <i>Average Consum.</i>	Consumo Total <i>Total Consum.</i>	% <i>%</i>
Chapas de aglomerado <i>Sheets of particleboard</i>	m³	319	22,6%	892,0	284.542	16,2%
Chapas de fibra dura <i>Sheets of hard fiber</i>	m³	342	24,2%	157,9	53.999	3,1%
Chapas de MDF <i>Sheets of MDF</i>	m³	888	62,9%	443,0	393.379	22,4%
Madeira maciça <i>Hardwood</i>	m³	501	35,5%	1.005,2	503.615	28,7%
Pinus / <i>Pinus</i>	m³	251	17,8%	2.071,9	520.056	29,6%
Madeira / Wood	m³	1.412	100,0%	1.243,3	1.755.591	100,0%
Chapas de metal <i>Sheets of metal</i>	tons	570	80,7%	14,5	8.289	33,6%
Tubos de metal <i>Tubes of metal</i>	tons	136	19,3%	120,2	16.345	66,4%
Metal / Metal	tons	706	100,0%	34,9	24.633	100,0%
Vime, ratan e semelhantes <i>Wicker, rattan and similar</i>	tons	45	100,0%	85,9	3.866	100,0%
Espuma / Foam	m³	569	100,0%	3.230,2	1.837.988	100,0%

Fonte: IEMI – Source: IEMI

Fonte: IEMI, 2006b, p. 20

Tabela 33 – Origem das Matérias-Primas Consumidas

Origem das matérias-primas consumidas <i>Raw material consumption in 2005</i>		
Matéria-prima <i>Raw Material</i>	Origem (%) / Origin (%)	
	Nacional / Domestic	Importada / Imported
Madeira maciça / <i>Hardwood</i>	100,0%	-
Pinus / <i>Pinus</i>	91,3%	8,7%
Aglomerado / <i>Particleboard</i>	93,9%	6,1%
Chapa de fibra dura / <i>Sheets of hard fiber</i>	100,0%	-
MDF / <i>MDF</i>	94,9%	5,1%
Chapa metálica / <i>Sheets of metal</i>	100,0%	-
Tubo metálico / <i>Tubes of metal</i>	95,0%	5,0%
Plástico / <i>Plastic</i>	100,0%	-
Vime/ratan/semelhantes <i>Wicker/Rattan/Similar</i>	100,0%	-
Espuma / <i>Foam</i>	85,4%	14,6%

Fonte: IEMI – Source: IEMI

Fonte: IEMI, 2006b, p. 20

Na tabela 34,

é apresentada uma relação dos municípios com a maior concentração de empresas e empregados no estado, segundo registros oficiais da RAIS (Relação Anual de Informações Sociais, do Ministério do Trabalho e Emprego), ordenados segundo o número de pessoal ocupado,

enquanto que “o mapa [na figura 100] [...] ilustra a distribuição geográfica dos principais pólos produtores do estado, onde se destacam as regiões de Bento Gonçalves, Grande Porto Alegre e Lagoa Vermelha”. (IEMI, 2006b, p. 22-23)

Tabela 34 – Principais Pólos Produtores de Móveis no Rio Grande do Sul

Municípios <i>Townships</i>	Empresas <i>Companies</i>	% <i>%</i>	Empregados <i>Employees</i>	% <i>%</i>
Bento Gonçalves	272	12,3%	7.246	25,0%
Flores da Cunha	87	3,9%	3.000	10,4%
Caxias do Sul	149	6,8%	2.431	8,4%
Gramado	120	5,4%	2.253	7,8%
Garibaldi	61	2,8%	1.419	4,9%
Dols Irmãos	10	0,5%	1.080	3,7%
Lagoa Vermelha	47	2,1%	957	3,3%
Canela	54	2,4%	807	2,8%
Porto Alegre	115	5,2%	743	2,6%
Farroupilha	40	1,8%	739	2,6%
Nova Prata	17	0,8%	712	2,5%
São Marcos	23	1,0%	553	1,9%
Antonio Prado	22	1,0%	547	1,9%
Veranópolis	32	1,5%	452	1,6%
Erechim	31	1,4%	430	1,5%
Gravataí	24	1,1%	369	1,3%
Novo Hamburgo	54	2,4%	358	1,2%
Parai	19	0,9%	353	1,2%
Bom Princípio	16	0,7%	349	1,2%
Três de Maio	17	0,8%	300	1,0%

Continua / Continue

Continuação / Continuation

Municípios <i>Townships</i>	Empresas <i>Companies</i>	% <i>%</i>	Empregados <i>Employees</i>	% <i>%</i>
Passo Fundo	36	1,6%	299	1,0%
Lajeado	32	1,5%	269	0,9%
Campo Bom	11	0,5%	263	0,9%
Santa Cruz do Sul	25	1,1%	212	0,7%
Canoas	26	1,2%	196	0,7%
São Leopoldo	29	1,3%	192	0,7%
Verâncio Aires	14	0,6%	170	0,6%
Alvorada	19	0,9%	165	0,6%
Nova Petrópolis	17	0,8%	157	0,5%
Teutonia [sic]	13	0,6%	142	0,5%
Santa Maria	33	1,5%	139	0,5%
Sarandi	9	0,4%	131	0,5%
Torres	12	0,5%	125	0,4%
Arroio do Meio	16	0,7%	118	0,4%
Encantado	11	0,5%	111	0,4%
Santo Ângelo	10	0,5%	111	0,4%
Santo Cristo	12	0,5%	97	0,3%
Carlos Barbosa	7	0,3%	92	0,3%
Feliz	11	0,5%	88	0,3%
Viamão	9	0,4%	85	0,3%
Santa Rosa	14	0,6%	83	0,3%
Outros / Others	629	28,5%	587	2,0%
Total / Total	2.205	100,0%	28.930	100,0%

Fonte: RAIS / IEMI – Source: RAIS / IEMI

Fonte: IEMI, 2006b, p. 22-23

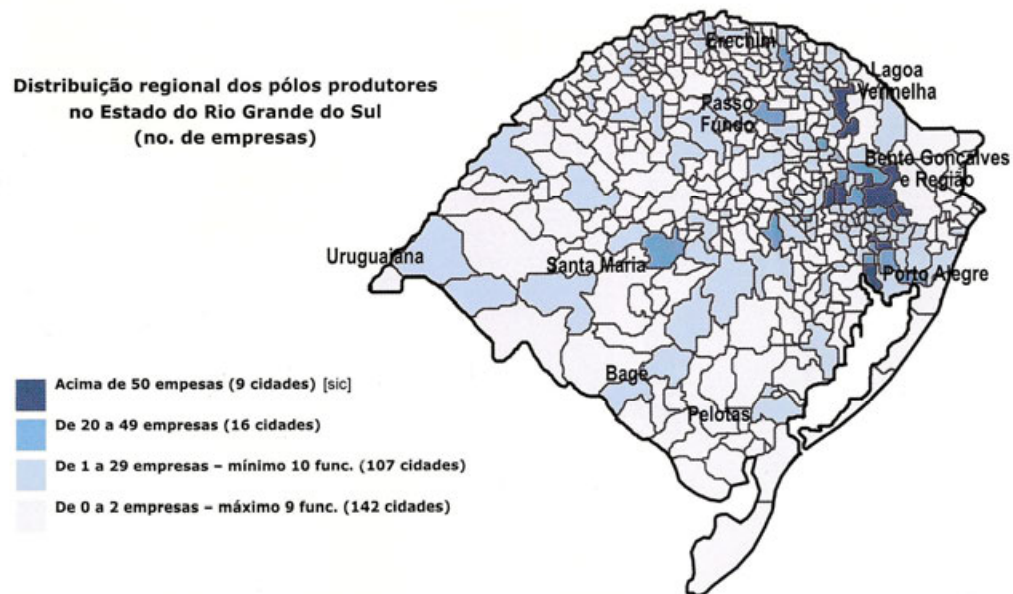


Figura 100: distribuição regional dos pólos produtores de móveis no Rio Grande do Sul. (IEMI, 2006b, p. 23)

Segundo IEMI (2006b, p. 25),

o Rio Grande do Sul é o segundo maior estado exportador de móveis do País. Em 2005, as exportações dos moveleiros gaúchos representaram cerca de 27% do total das exportações brasileiras de móveis e colchões. [...] Dentre as principais linhas exportadoras, assim como no restante do país, o grande destaque da pauta são os móveis de madeira, que correspondem a quase 80% dos valores exportados pelo estado.

Pode-se observar a evolução das exportações na tabela 35, quanto ao tipo de móvel, bem como o destino das mesmas na tabela 36.

Tabela 35 – Exportação de Móveis em Valores

Exportação de móveis em valores (em US\$ 1.000) <i>Furniture exports in values (in US\$ 1,000)</i>			
Exportações de móveis 2005 (em US\$ 1.000) <i>Furniture exports in 2005 (in US\$ 1,000)</i>			
Tipo de móveis <i>Type of furniture</i>	Brasil <i>Brazil</i>	Rio Grande do Sul <i>Rio Grande do Sul</i>	% sobre o Brasil <i>% over Brazil</i>
Assentos / <i>Seats</i>	211.477	38.375	18,1%
Móveis de metal <i>Metal Furniture</i>	17.698	9.266	52,4%
Móveis de madeira <i>Wood Furniture</i>	700.240	213.195	30,4%
Móveis de outras matérias <i>Furniture of other materials</i>	4.562	1.709	37,5%
Partes de móveis <i>Furniture parts</i>	59.837	9.455	15,8%
Colchões / <i>Mattresses</i>	8.628	865	10,0%
Total / Total	1.002.443	272.865	27,2%

Fonte: SECEX/IEMI – Source: SECEX/IEMI

Fonte: IEMI, 2006b, p. 25

Tabela 36 – Destino das Exportações de Móveis

Destino das exportações de móveis Destination of Furniture Exports						
Destino das exportações de móveis (em US\$ 1.000) Destination of furniture exports (in US\$ 1,000)						
País / Country	2003	Partic (%) Share (%)	2004	Partic (%) Share (%)	2005	Partic (%) Share (%)
1. Estados Unidos / United States	52.661	28,7%	82.741	29,7%	74.571	27,3%
2. Reino Unido / United Kingdom	32.912	17,9%	49.535	17,8%	35.676	13,1%
3. Chile / Chile	9.536	5,2%	16.449	5,9%	17.349	6,4%
4. Argentina / Argentina	7.759	4,2%	13.778	4,9%	16.145	5,9%
5. Espanha / Spain	4.584	2,5%	10.835	3,9%	14.903	5,5%
6. França / France	9.548	5,2%	10.796	3,9%	10.167	3,7%
7. Países Baixos / Netherlands	2.758	1,5%	5.284	1,9%	8.081	3%
8. Uruguai / Uruguay	3.519	1,9%	6.014	2,2%	7.252	2,7%
9. Alemanha / Germany	4.831	2,6%	6.183	2,2%	6.329	2,3%
10. México / Mexico	5.757	3,1%	6.422	2,3%	6.281	2,3%
11. Porto Rico / Puerto Rico	4.028	2,2%	5.659	2%	6.050	2,2%
12. Irlanda / Ireland	4.334	2,4%	5.728	2,1%	5.694	2,1%
13. Panamá / Panama	6.332	3,4%	7.410	2,7%	5.358	2%
14. Angola / Angola	1.324	0,7%	4.060	1,5%	4.913	1,8%
15. Canadá / Canada	2.839	1,5%	3.128	1,1%	4.527	1,7%
16. Emirados Árabes / Arab Emirates	2.563	1,4%	3.604	1,3%	3.978	1,5%
17. Equador / Ecuador	1.643	0,9%	2.476	0,9%	3.728	1,4%
18. Guatemala / Guatemala	2.478	1,4%	3.425	1,2%	2.696	1,0%
19. Namíbia / Namibia	3.165	1,7%	4.120	1,5%	2.562	0,9%
20. Costa Rica / Costa Rica	1.755	1,0%	2.526	0,9%	2.016	0,7%
Subtotal / Subtotal	164.326	89,5%	250.170	89,7%	238.275	87,3%
Outros / Others	19.238	10,5%	28.656	10,3%	34.590	12,7%
Total / Total	183.564	100,0%	278.826	100,0%	272.865	100,0%
Fonte: SECEX/IEMI – Source: SECEX/IEMI						

Fonte: IEMI, 2006b, p. 27

No Anexo A, encontra-se uma relação de 157 empresas moveleiras situadas no Rio Grande do Sul, segundo seu município, o tipo do móvel produzido, o tipo da matéria-prima utilizada, o ano de fundação, o número de funcionários e se exporta seus produtos.

3.7 A Institucionalização do Design no Rio Grande do Sul

Segundo Bozzetti (2004, p. 33), quanto à institucionalização do design no Rio Grande do Sul, “no início dos anos 60, a Faculdade de Arquitetura da UFRGS [Universidade Federal do Rio Grande do Sul] [...], única do gênero no Rio Grande do Sul, já estava consolidada e se transformara no principal centro gaúcho de estudos das integrações forma-função e arte-técnica”. Nessa época, o desenho industrial, como era preferencialmente chamado, tinha encontrado espaço referente ao design de produto, essencialmente de mobiliário, e ao design gráfico, com ênfase em cartazes e embalagens, dentro da própria arquitetura.

Na década de 1970, houve a criação da disciplina Desenho de Publicidade, mais tarde chamada Comunicação Visual, no Centro de Artes da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), a qual propiciou, já no início da década de 1980, a instalação do Curso de Comunicação Visual, depois Desenho Industrial, pioneiro no ensino acadêmico do design no sul do país. (BOZZETTI, 2004, p. 52)

Após esse período, considerando até os dias de hoje, houve uma nova proliferação de faculdades, agora calcadas, por exemplo, em fatores mercadológicos como a localização da demanda para o ensino superior, vinculada a economias locais e regionais perfeitamente identificadas. Tal proliferação decorreu da emergência do tema design e da liberação dos conteúdos curriculares, com conseqüente abertura de variadas habilitações e ênfases. (SILVA, 2004, p. 90-91)

A seguir, foram listadas algumas instituições de ensino do Rio Grande do Sul, conforme os Cursos de Design e áreas afins.

Tabela 37 – Cursos Oferecidos pela UFRGS

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, 1934)			
GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO	MESTRADO	DOUTORADO
- Engenharia Civil (1896) - Engenharia de Materiais (1994) - Engenharia de Produção (2000)	- Engenharia	- Engenharia – Civil; de Minas, Metalúrgica e Materiais; e de Produção	- Engenharia – Civil; de Minas, Metalúrgica e Materiais; e de Produção
- Artes Visuais (1910)	- Artes	- Artes Visuais	- Artes Visuais

- Arquitetura e Urbanismo (1946)	- Arquitetura	- Arquitetura - Planejamento Urbano e Regional	- Arquitetura
- Comunicação Social – Jornalismo, Propaganda e Publicidade, e Relações Públicas (1952)	-	- Comunicação e Informação	- Comunicação e Informação
- Design – Design de Produto e Design Visual (2006)	-	- Design (2007)	-

Fontes: INEP, 2008; UFRGS, 2008

Tabela 38 – Cursos Oferecidos pela UFSM

UFSM – Universidade Federal de Santa Maria (Santa Maria, 1960)		
GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO	MESTRADO
- Engenharia Civil (1962)	-	- Engenharia – de Produção (1974) e Civil (1994)
- Comunicação Social – Jornalismo, Publicidade e Propaganda, e Relações Públicas (1972)	-	- Comunicação (2005)
- Desenho e Plástica (1979)	-	- Artes Visuais (2006)
- Artes Visuais – Desenho e Plástica (Bacharelado e Licenciatura Plena) (2007)	-	-
- Desenho Industrial – Programação Visual (1980), e Projeto de Produto (2005)	- Design para Estamparia (1988)	-
- Arquitetura e Urbanismo (1992)	-	-

Fontes: INEP, 2008; UFSM, 2008

Tabela 39 – Cursos Oferecidos pela UFPEL

UFPEL – Universidade Federal de Pelotas (Pelotas, 1969)		
GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO	MESTRADO
- Artes – Artes Visuais, e Desenho e Computação Gráfica (Licenciatura: 1978)	- Artes	-
- Artes Visuais – Escultura, Gravura e Pintura (Bacharelado: 1960), e Design Gráfico (2003)	- Gráfica Digital (2002)	-
- Arquitetura e Urbanismo (1978)	-	- Arquitetura e Urbanismo (2008)
- Engenharia Industrial Madeireira (2005)	-	-

Fontes: INEP, 2008; UFPEL, 2008

Tabela 40 – Cursos Oferecidos pela ULBRA

ULBRA – Universidade Luterana do Brasil (Canoas, 1964)		
GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO	MESTRADO
- Arquitetura e Urbanismo (1974)	- Arquitetura – Gestão e Desenvolvimento de Projetos	-

- Engenharia Civil (1988)	- Engenharia – Civil, e de Produção	- Engenharia
- Engenharia de Plásticos (1993)		
- Design (1988)	- Design de Produto	
	- Animação e Modelagem Digital 3D	-
- Comunicação Social – Jornalismo, Publicidade e Propaganda, e Relações Públicas (1992)	-	-
- Artes Visuais – Licenciatura Plena (2003)	- Arte Contemporânea e Ensino da Arte	-
- Tecnologia em Fotografia – Tecnológico de Produção Cultural e Design (2003)		
- Tecnologia em Design de Embalagem (2003)		
- Tecnologia em Design de Produto – Tecnológico de Produção Cultural e Design (2003)	-	-
-Tecnologia em Design de Interiores (2004)		
- Tecnologia em Produção Audiovisual (2004)		
- Tecnologia em Design Gráfico (2006)		

Fontes: INEP, 2008; ULBRA, 2008

Tabela 41 – Cursos Oferecidos pela UNIRITTER

UNIRITTER – Centro Universitário Ritter dos Reis (Porto Alegre, 1971)	
GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO
- Arquitetura e Urbanismo (1976)	- Arquitetura e Urbanismo – Arquitetura de Interiores (2001) e Urbanismo Contemporâneo (2008)
- Design – Design de Produto, Design Gráfico(2002), e Design de Moda (2007)	- Design – Design de Produto, e Design Gráfico e Informação (2006)

Fontes: INEP, 2008; UNIRITTER, 2008

Tabela 42 – Cursos Oferecidos pela UNISINOS

UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (São Leopoldo, 1969)			
GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO	MESTRADO	DOCTORADO
- Arquitetura e Urbanismo (1972)	- Arquitetura Comercial	-	-
- Comunicação Social – Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas (1973), Realização Audiovisual (2003) e Comunicação Digital (2004)	- Cinema	- Comunicação	- Comunicação
- Engenharia – Civil (1977), e de Produção (1984)	-	- Engenharia – Civil, e de Produção e Sistemas	-

- Tecnologia em Jogos Digitais (2004)	-	-	-
- Design (2007)	- Design – Estratégico, e Gráfico – Identidade Visual do Sistema-produto	- Design	-
-Gestão de Projetos (2008)	-	-	-

Fontes: INEP, 2008; UNISINOS, 2008

Tabela 43 – Cursos Oferecidos pela ESPM

ESPM – Escola Superior de Propaganda e Marketing (Porto Alegre, 1999)	
GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO
- Comunicação Social – Publicidade e Propaganda (2000)	-
- Design – Comunicação Visual com ênfase em Marketing (2003)	- Marketing e Design de Moda
-	- Gestão de Projetos

Fontes: ESPM, 2008; INEP, 2008

Tabela 44 – Cursos Oferecidos pela UNIFRA

UNIFRA – Centro Universitário Franciscano (Santa Maria, 1998)	
GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO
- Design – Design de Produto (1999)	-
- Arquitetura e Urbanismo (2003)	-
- Comunicação Social – Jornalismo e Publicidade e Propaganda (2003)	- Comunicação e Projetos de Mídia
-	- Gestão de Produtos

Fontes: INEP, 2008; UNIFRA, 2008

Tabela 45 – Cursos Oferecidos pela UCPEL

UCPEL – Universidade Católica de Pelotas (Pelotas, 1960)	
GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO
- Comunicação Social – Jornalismo, Publicidade e Propaganda, e Relações Públicas (1960)	- Ciências da Comunicação (2007)
- Engenharia Civil (1968)	-
- Arquitetura e Urbanismo (1991)	-
- Tecnologia em Design de Moda (2007)	-

Fontes: INEP, 2008; UCPEL, 2008

Tabela 46 – Cursos Oferecidos pela UPF

UPF – Fundação Universidade de Passo Fundo (Passo Fundo, 1968)		
GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO	MESTRADO
- Educação Artística – Artes Plásticas (1974)	- Arteterapia	-
- Artes Visuais – Licenciatura Plena (2005)	- Artes Visuais – Poéticas Bidimensionais	-
- Engenharia Civil (1994)	- Engenharia de Produção e Manufatura	- Engenharia – Infra-estrutura e Meio Ambiente
- Arquitetura e Urbanismo (2000)	- Arquitetura de Interiores	-
- Comunicação Social – Jornalismo, Publicidade e Propaganda (2000), e Radialismo	- Comunicação Organizacional	-

- Tecnologia em Produção do Vestuário (2002)	- Desenvolvimento de Produto de Moda	-
-	- Design Gráfico e Mídias	-

Fontes: INEP, 2008; UPF, 2008

Tabela 47 – Cursos Oferecidos pela UNIJUI

UNIJUI – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Ijuí, 1985)	
GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO
- Educação Artística – Artes Plásticas (Licenciatura Plena, 1985)	-
- Artes Visuais (Bacharelado e Licenciatura Plena, 2001)	-
- Comunicação Social – Jornalismo, Publicidade e Propaganda, e Relações Públicas (1995)	-
- Engenharia Civil (1997)	- Qualificação e Controle de Processos de Fabricação - Engenharia de Projetos Industriais
- Design (2000) – Design Gráfico e Design do Produto (2003)	-

Fontes: INEP, 2008; UNIJUI, 2008

Tabela 48 – Cursos Oferecidos pela UCS

UCS – Universidade de Caxias do Sul (Caxias do Sul, 1967)		
GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO	MESTRADO
- Comunicação Social – Relações Públicas (1971), Jornalismo (1992), e Publicidade e Propaganda (1999)	-	-
- Educação Artística – Artes Plásticas (1973)	- Arteterapia (2007)	-
- Engenharia (1977) – Engenharia de Materiais (2003), e Engenharia de Produção (2000)	-	- Materiais (2004)
- Tecnologia em Moda e Estilo (1992)	-	-
- Tecnologia em Produção Moveleira (1994)	-	-
- Tecnologia em Polímeros (1996)	-	-
- Tecnologia em Produção Joalheira (2003)	-	-
- Arquitetura e Urbanismo (1996)	-	-
- Design de Produto (2001)	-	-
- Design Gráfico (2007)	-	-
- Fotografia (Curso Sequencial) (2003)	-	-
- Paisagismo (Curso Sequencial) (2005)	-	-
- Arquitetura de Interiores (Curso Sequencial) (2006)	-	-

- Tecnologias Digitais (2005)		
Fontes: INEP, 2008; UCS, 2008		

Tabela 49 – Cursos Oferecidos pela FEEVALE

FEEVALE – Centro Universitário Feevale (Novo Hamburgo, 1999)	
GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO
- Artes Visuais – Licenciatura Plena e Bacharelado (1968)	- Arte-Educação – Arte, Ensino e Linguagens Contemporâneas (1999)
- Ensino de Arte na Diversidade (2002)	- Poéticas Visuais – Gravura, Fotografia e Imagem Digital (2000), e Pintura, Desenho e Instalação - Processos Híbridos (2002)
- Arteterapia (2003)	- Arteterapia (2001)
- Comunicação Social – Relações Públicas (1970), Publicidade e Propaganda (1998) e Jornalismo (1999)	-
- Design – Design de Produto e Design Gráfico (1999)	-
- Design de Moda e Tecnologia (2002)	-
- Arquitetura e Urbanismo (2000)	-
- Gestão da Produção (2001)	- Gestão Estratégica de Produção (2002)
- Engenharia de Produção (2001) – Calçados e Componentes (2002)	- Qualidade de Produtos e Processos (2005)
- Curso Superior de Tecnologia em Jogos Digitais (2008)	-
Fontes: FEEVALE, 2008; INEP, 2008	

Tabela 50 – Cursos Oferecidos pela UNIVATES

UNIVATES – Centro Universitário Univates (Lajeado, 1999)	
GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO
- Engenharia da Produção (2001)	-
- Comunicação social – Publicidade e Propaganda (2001)	-
- Comunicação Social – Jornalismo (2002)	-
- Comunicação Social – Relações Públicas (2002)	-
- Arquitetura e Urbanismo (2003)	-
- Design – Design Gráfico (2005)	-
-	- Dança, Corpo e Arte
Fontes: INEP, 2008; UNIVATES, 2008	

Tabela 51 – Curso Oferecido pela UNILASALLE

UNILASALLE – Centro Universitário La Salle (Canoas, 1998)	
GRADUAÇÃO	
- Tecnologia em Design de Produto (2008)	
Fontes: INEP, 2008; UNILASALLE, 2008	

Tabela 52 – Cursos Oferecidos pelo IPA

IPA – Centro Universitário Metodista (Porto Alegre)	
GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO
- Comunicação Social (2005) – Publicidade e Propaganda (ênfase em Marketing) e Jornalismo (ênfase em Gestão da Comunicação)	- Comunicação e Turismo – Comunicação Estratégica, Jornalismo de Mídias Digitais e Propaganda e Produção Cultural
- Engenharia Civil (2006)	-

- Engenharia da Produção (2006)	
- Arquitetura e Urbanismo (2006)	-
- Design de Moda (2006)	-

Fontes: INEP, 2008; IPA, 2008

Tabela 53 – Curso Oferecido pela FAE

FAE – Faculdade Anglicana de Erechim (Erechim)	
GRADUAÇÃO	
- Design (2007) – Projeto de Produto	

Fontes: FAE, 2008; INEP, 2008

Tabela 54 – Cursos Oferecidos pela FSG

FSG – Faculdade da Serra Gaúcha (Caxias do Sul, 1999)	
GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO
- Design (2007) – Projeto de Produto e Design Gráfico	- Design Estratégico e de Produto
-	- Inovação e Criatividade
-	- Engenharia da Produção
-	- Gestão Estratégica da Comunicação

Fontes: FSG, 2008; INEP, 2008

Tabela 55 – Curso Oferecido pela FAI

FAI – Faculdade dos Imigrantes (Caxias do Sul)	
GRADUAÇÃO	
- Design (2005) – Decoração de Interiores	

Fontes: FAI, 2008; INEP, 2008

Tabela 56 – Curso Oferecido pela MONTSERRAT

MONTSERRAT – Faculdade Montserrat (Caxias do Sul)	
GRADUAÇÃO	
- Design (2006) – Interiores	

Fontes: INEP, 2008; MONTSERRAT, 2008

Tabela 57 – Cursos Oferecidos pela FURG

FURG – Fundação Universidade Federal do Rio Grande (Rio Grande, 1969)		
GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO	MESTRADO
- Engenharia Civil (1972)	-	-
- Artes Visuais – Licenciatura Plena (1977)	- Artes Visuais	-
-	- Aplicações para Web	- Modelagem Computacional

Fontes: FURG, 2008; INEP, 2008

Tabela 58 – Cursos Oferecidos pela UNIPAMPA

UNIPAMPA – Fundação Universidade Federal do Pampa (Bagé)	
GRADUAÇÃO	
- Engenharia Civil (2006)	
- Engenharia de Produção (2006)	
- Comunicação Social (2006) – Jornalismo e Publicidade e Propaganda	

Fontes: INEP, 2008; UNIPAMPA, 2008

Tabela 59 – Curso Oferecido pela UERGS

UERGS – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, 2001)
--

GRADUAÇÃO
- Engenharia em Processos e Biotecnologia (2002)
- Engenharia em Sistemas Digitais (2002)
- Artes Visuais – Licenciatura Plena (2002)
Fontes: INEP, 2008; UERGS, 2008

Tabela 60 – Cursos Oferecidos pela PUCRS

PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, 1948)			
GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO	MESTRADO	DOUTORADO
- Comunicação Social – Jornalismo (1952), Publicidade e Propaganda, e Relações Públicas (1967)	- Comunicação Social (1985) - Imagem Publicitária (2005) - Moda, Consumo e Comunicação (2006)	- Comunicação Social (1994)	- Comunicação Social (1999)
- Engenharia Civil (1960) - Engenharia de Produção (2003)	- Produção Civil (2008)	- Engenharia e Tecnologia de Materiais (2001)	- Engenharia e Tecnologia de Materiais (2007)
- Arquitetura e Urbanismo (1996)	- Expressão Gráfica (2004) - Arquitetura e Patrimônio Arquitetônico (2006) - Arquitetura e Paisagística (2007)	-	-
- Produção Audiovisual – Cinema e Vídeo (2004)	-	-	-
-	- Espaço Litúrgico e Arte Sacra (2007)	-	-

Fontes: INEP, 2008; PUCRS, 2008

Tabela 61 – Cursos Oferecidos pela URCAMP

URCAMP – Universidade da Região da Campanha (Bagé, 1989)	
GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO
- Educação Artística – Artes plásticas (Licenciatura Plena) (1961)	- Artes Visuais na Educação – Construção e Reconstrução da Imagem
- Licenciatura em Artes Visuais (1997)	-
- Arquitetura e Urbanismo (1990)	-
- Engenharia Civil (1992)	-
- Comunicação Social (1996) – Jornalismo e Publicidade e Propaganda	-

Fontes: INEP, 2008; URCAMP, 2008

Tabela 62 – Cursos Oferecidos pela UNICRUZ

UNICRUZ – Universidade de Cruz Alta (Cruz Alta, 1988)	
GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO
- Comunicação Social – Jornalismo, Publicidade e Propaganda, e Relações Públicas (1996)	- Comunicação e Mídia (2007)
- Arquitetura e Urbanismo (1997)	- Arquitetura Comercial (2008)

Fontes: INEP, 2008; UNICRUZ, 2008

Tabela 63 – Cursos Oferecidos pela UNISC

UNISC – Universidade de Santa Cruz do Sul (Santa Cruz do Sul, 1993)	
GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO
- Comunicação Social – Jornalismo, Publicidade e Propaganda (1994), Relações Públicas (1996) e Radialismo – Produção em Mídia Audiovisual (2002)	-
- Arquitetura e Urbanismo (1999)	-
- Engenharia de Produção (2003)	-
- Engenharia Civil (2007)	-
-	- Gestão da Produção

Fontes: INEP, 2008; UNISC, 2008

Tabela 64 – cursos Oferecidos pela URI

URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (Erechim, 1992)	
GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO
- Engenharia Civil (1993)	-
- Arquitetura e Urbanismo (2001)	- Arquitetura e Tecnologia do Espaço Construído
-	- Arte e Cultura: Linguagens na Educação
-	- Gestão da Produção

Fontes: INEP, 2008; URI, 2008

Observa-se que foram apresentadas as principais faculdades, centros universitários e universidades do Rio Grande do Sul. A maioria dessas instituições, em torno de dezenove, possuem Curso de Design, com habilitações em Design de Produto, Design Gráfico, Design de Moda e Design de Interiores, estas duas últimas em ocorrência menor. Como já mencionado, o primeiro Curso de Design do Estado surgiu na UFSM, no início da década de 1980. No final dessa década, tal curso foi criado também na ULBRA e, somente a partir do final da década de 1990, houve a proliferação da abertura de Cursos de Design nas mais variadas instituições. Isso revela que somente a partir de meados da década de 1980 é que surgiram profissionais qualificados com essa graduação no mercado sul-rio-grandense.

Quanto às especializações, cabe destacar que tais cursos ligados ao design, dos mais variados gêneros, começaram a ser oferecidos somente na primeira década de 2000, com exceção para o primeiro curso de pós-graduação em Design de Estamparia, criado pela UFSM, no final da década de 1980.

Em nível de mestrado, recentemente, a UFRGS e, em seguida, a UNISINOS, criaram seus Cursos de Design.

Cabe destacar que algumas das instituições citadas, em torno de onze, implantadas no Rio Grande do Sul na primeira metade e início da segunda metade do século XX, já ofereciam cursos de graduação relacionados a artes, engenharia, arquitetura e comunicação social, antes da instalação de Cursos de Design no Estado. Como não havia graduados em design na região, o que passou a ocorrer somente a partir da década de 1980, indivíduos formados em outras áreas, como as mencionadas, eram os profissionais que desempenhavam o desenvolvimento de design no Estado. Observa-se que, mesmo após a proliferação de Cursos de Design no Rio Grande do Sul, até os dias de hoje, os egressos não foram

inseridos efetivamente nas indústrias moveleiras, conforme os resultados obtidos por meio da pesquisa de campo, desenvolvida no capítulo 5. Há poucos designers formados e estudantes de design presentes nessas empresas.

Ainda no Rio Grande do Sul, foi criada a Associação dos Profissionais em Design do Rio Grande do Sul (APDesign),

uma entidade sem fins lucrativos que congrega e representa profissionais e estudantes das diversas áreas de atuação do design gráfico, de produtos, têxtil, de embalagens, jóias, ponto de venda, identidade visual corporativa, sinalização, entre outras. [...] [Tal] entidade foi fundada em 09 de Janeiro de 1987, com o nome de Associação dos Profissionais em Desenho Industrial do Rio Grande do Sul. [...] [Durante algum tempo, a associação] teve suas ações interrompidas e, em 18 de Novembro de 1995, foi reativada já com a denominação atual. (APDESIGN, 2008)

Já a Rede Gaúcha de Design (RGD), fundada em 3 de dezembro de 2004,

é uma associação sem fins lucrativos [...] com o propósito de criar junto ao meio empresarial do Rio Grande do Sul uma política de investimentos em design. A RGD atua na coordenação e promoção de ações de conteúdo inovador na área do design, priorizando a implementação de projetos de alta visibilidade, contribuindo para elevar a competitividade do setor e o padrão de vida da sociedade brasileira, através da divulgação, da promoção e da articulação da oferta de serviços de design. (RGD, 2008)

Tal instituição tem como associados a APDesign, o SEBRAE, o SENAI, a FEEVALE, a UNISINOS e a UNIVATES.

3.8 Os Profissionais de Design Sul-Rio-Grandenses e seus Escritórios

3.8.1 Bornancini, Petzold & Müller

De forma inusitada, em 1951, José Carlos Mário Bornancini (1923-2008) e Nelson Ivan Petzold (1931) conheceram-se, quando o segundo prestou vestibular para o curso de Arquitetura da Escola de Engenharia da Universidade do Rio Grande do Sul - URGs (atual UFRGS) e acabou perdendo a vaga. “Inconformado, [Petzold] procurou um dos professores da banca examinadora e provou que a solução apresentada por ele também estava correta”. O erro foi admitido pelo professor José Carlos Bornancini. (CORRÊA, 2005, p. 9)

Anos mais tarde, no início da década de 1960, Bornancini e Petzold começaram a trabalhar juntos na área de projeto de produto. Os primeiros trabalhos em Desenho Industrial foram realizados junto às Metalúrgicas Wallig e Jackwal. Na década de 1970, até meados dos anos de 1980, seus trabalhos foram compartilhados com o colega da Escola de Engenharia, Henrique Orlandi Júnior, que, após algum tempo, interrompeu sua atividade para se dedicar

a negócios da família. A carreira da parceria possuiu dois momentos: um antes do escritório e outro depois do escritório. No início, Bornancini e Petzold dividiam o seu tempo entre os compromissos didáticos e os trabalhos para as indústrias, sendo estes, ora feitos em casa, ora realizados dentro das próprias empresas. Essa maneira de trabalhar diferenciava-se dos outros escritórios porque a dupla tinha um posto central nessas fábricas, onde reuniam as atividades. Desde 1992, passaram a contar com a colaboração de Paulo de Tarso da Silveira Müller (1951). Em 1994, a associação foi formalizada no escritório Bornancini, Petzold & Müller, localizado em Porto Alegre-RS, desenvolvendo produtos, embalagens, catálogos e marcas. As atividades do escritório foram encerradas em 2007.

Como seus trabalhos são fortemente vinculados “ao uso de novas tecnologias industriais, [desenvolveram] [...] mais de [...] [quinhentos] produtos em diversos segmentos da indústria, de computadores a tratores, de tesouras a garrafas térmicas, passando por móveis, fogões, elevadores, brinquedos”, eletrodomésticos e utilidades domésticas, possuindo entre esses cerca de duzentas patentes. (FAI, [2008?])

Bornancini e Petzold desenvolveram projetos, em certos momentos com Henrique Orlandi Júnior, em outros com Paulo Müller, para empresas como o Grupo Gerdau, Arcil Ar Condicionado, Hercules – Fábrica de Talheres, Perfumaria Memphis, Cia. Geral de Indústrias, Plásticos Mapla, Condicionadores de Ar Arcon, Conservas Ritter, Jimo, Refrigeração Springer, Corsan Cia. RG Saneamento, Springer Carrier do Brasil, Massas Coroa, Eberle, Massey Ferguson, Edisa Informática, Mat-Inset, Elevadores Sûr (Thyssen Krupp), Borrachas Mercur, Termolar, Equipamentos Cinematográficos IEC, Mercur Publicidade, Estofados Esplêndidos, Trorion Gaúcha, Ferramentas Ferrisan, Metalmo Aramados, Valisère, Forjas Taurus, Zivi Cutelaria, Móveis Todeschini, Coza Utilidades Plásticas, O. Mustad & Son Brasil, entre muitas outras. (BORNANCINI, 2004, p. 68)

Suas obras têm presença assegurada nas exposições e publicações de design das últimas décadas, o que pode ser verificado no Anexo B, segundo os prêmios, seleção para exposições, homenagens, entre outros destaques conferidos ao escritório.

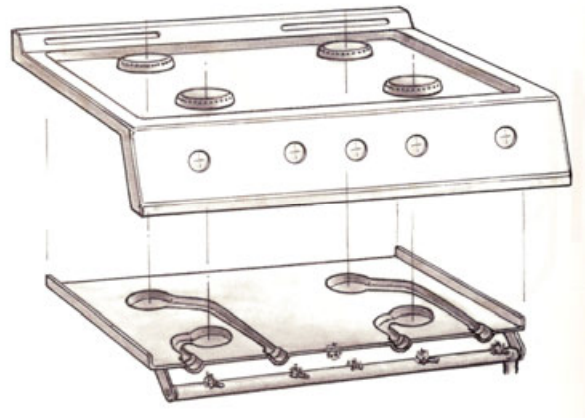
3.8.1.1 Produtos desenvolvidos pelo escritório

A seguir, foram selecionados alguns exemplos de produtos projetados como propostas inovadoras para as mais variadas empresas.

Fogão Nordeste Wallig

Este produto (figura 101) possuía quatro queimadores superiores (figura 102) constituídos por um circuito impresso, estampado numa única operação, enquanto o seu corpo tinha uma estrutura monocoque. Uma fábrica foi construída em Campina Grande (PB),

exclusivamente para sua produção. Tal produto constituiu-se no carro-chefe de vendas da Wallig.



Figuras 101 e 102: *Fogão Nordeste* Wallig, 1959 (LEAL, 2002, p. 136); e sistema dos queimadores (CORRÊA, 2005, p. 6); respectivamente.

Proposta Inovadora para a Todeschini

Com base no aconselhamento de Bornancini e de Petzold, em 1968, a Todeschini passou a produzir móveis modulados, quando percebeu a necessidade de mudar o foco da fábrica, com a decadência do uso do acordeão, produto desenvolvido até tal momento, o que pode ser evidenciado na evolução das figuras 103, 104, 105 e 106. Com isso, tal indústria gaúcha transformou-se numa empresa respeitada no Brasil e no exterior.



Figura 103: fábrica de acordeões, 1939. (TODESCHINI, [2006?])



Figura 104: cozinhas moduladas, década de 1970. (TODESCHINI, [2006?])



Figura 105: *Coleção Natural Life*, 2006. (TODESCHINI, [2006?])



Figura 106: cozinha modulada da Todeschini, 1968. (coleção de Nelson Petzold)

Colheitadeira de grãos da Massey Ferguson

Para esta colheitadeira (figuras 107 e 108), foi desenvolvida “uma nova proposta construtiva para o depósito de grãos”, o que facilitou a fabricação da mesma. “Várias das soluções apresentadas neste modelo foram adotadas [pelas fábricas da empresa] [...] no exterior, inclusive na matriz canadense”. (CORRÊA, 2005, p. 8)



Figuras 107 e 108: *Colheitadeiras de grãos*, da Massey Ferguson, 1974. (coleção de Nelson Petzold; CORRÊA, 2005, p. 8; respectivamente)

Modelo Winner da Forjas Taurus

Para a Forjas Taurus, Bornancini desenvolveu o modelo de arma *Winner* (figura 109) para competição de tiro ao alvo de classe internacional. Pesquisaram-se detalhes como o mecanismo do produto, o importante sistema de mira e a sua ergonomia. Tal projeto foi elogiado, inclusive, pela revista americana *S.W.A.T.*, especializada em armas.



Figura 109: modelo *Winner*, da Forjas Taurus. (MARRA e SOUZA, 1997)

Talher Camping e Conjunto Comer Brincando Zivi-Hercules

O *Talher Camping* (figura 110) é um conjunto composto por garfo e colher cujos cabos “encaixam-se no cabo da faca, conformado como bainha, para maior compactação”. Foram “fabricados em aço inoxidável; a faca [era] [...] laminada para aumentar a dureza da lâmina e seu fio [era] [...] dotado de serrilha para melhor corte”. (ADP, [2006 ou 2007])

A receptividade do *Talher Camping* foi grande não só nos alvos pretendidos, [como] acampamentos, pescarias, escotismo, vida ao ar livre em geral, mas também [...] como talher auxiliar em churrasqueiras, nos pertences de adolescentes e mesmo [em] refeitórios. Foram produzidos [...] mais de 1.000.000 de conjuntos. Sua produção foi interrompida somente em 2000. (ADP, [2006 ou 2007])

Quanto ao *Conjunto Comer Brincando* (figura 111), constituiu-se em talheres para crianças, personalizados na “princesinha colher”, no “príncipe garfinho” e no “cão faquinha”. Foram vendidos mais de 2,5 milhões de conjuntos.



Figuras 110 e 111: *Talher Camping*, 1974 (CSPD, [200-]); e *Talheres Comer Brincando* (EXPRESSÃO, 2005); ambos da Zivi-Hercules, respectivamente.

Tesouras Ponto Vermelho Mundial

A coleção de tesouras Ponto Vermelho [figura 112], de 1982, [evoluiu] [...] da Tesoura Multiuse, da Mundial, [...] [e tem como] marca [...] a bucha vermelha de nylon na articulação. [Com] tesouras mais resistentes, leves, baratas e ecológicas, [esta coleção] têm doze modelos com lâminas de aço inox e cabos de polipropileno,

com versões para canhotos e destros. Já o modelo das *Tesouras Softy* (figuras 113 e 114), também da linha *Ponto Vermelho*, “foi [dotado] [...] de anéis macios nos olhais, que suavizam o contato dos dedos com” os mesmos. (RATHSAM, 2002, p. 28)



Figura 112: *Tesoura Ponto Vermelho*, da Mundial, 1982. (ADP, [2006 ou 2007])



Figuras 113 e 114: *Tesoura Softy* (BORNANCINI, 2004, p. 66); e modelos de *Tesouras Softy*, 1993 (ALMANAQUE, 2004); da Mundial, respectivamente.

Tesoura de cozinha Ponto Vermelho Mundial

A *Tesoura de cozinha Ponto Vermelho* (figuras 115) possuía vários aspectos de inovação, como ser desmontável para facilitar a sua limpeza, fio serrilhado, dispositivo para corte de ossos, espaço serrilhado entre os cabos para afrouxar tampas roscadas ou quebrar nozes e abridor de garrafas. O projeto também levou em consideração aspectos ergonômicos, como o tamanho da mão da mulher brasileira. (UNB, [200?])



Figura 115: *Tesoura de cozinha Multiuse*, da Mundial. (LEAL, 2002, p. 136)

Conjunto de Facas Laser Mundial

Este conjunto (figura 116) era formado por facas de cinco modelos diferentes, e suas “lâminas de aço inox [tinham] [...] micro-serrilhas e os cabos [eram] [...] de polipropileno preto”. (RATHSAM, 2002, p. 25)



Figura 116: *Conjunto de Facas Laser* Mundial, de 1983. (LEAL, 2002, p. 137)

Modelos Supertermo da Termolar

O recipiente isotérmico (figura 117) foi projetado “para ter alta resistência, grande capacidade [...] [três ou cinco litros] e [boa] conservação da temperatura da bebida, [...] destinada a situações de lazer ao ar livre. [Acabou sendo adotado] [...] por trabalhadores rurais de todo o” Brasil e vendeu mais de um milhão de unidades. No segundo modelo (figura 118), como exemplo, para servir a bebida era necessário apenas girar a tampa, sem a necessidade de retirá-la, podendo servir em qualquer direção. (RATHSAM, 2002, p. 27)



Figuras 117 e 118: *Supertermo Automático*, 1980 (UNB, [200-]); e *Supertermo*, 1975 (CORRÊA, 2005, p. 7); da Termolar, respectivamente.

Conjuntos de merendeiras e de garrafas e bules térmicos da Termolar

Abaixo, têm-se alguns exemplos de conjuntos de merendeiras e garrafas térmicas com motivos infantis para uso escolar (figura 119), e também um conjunto de garrafas e bules térmicos (figura 120), ambos projetados pelos designers para a Termolar.



Figuras 119 e 120: conjuntos de merendeiras e de garrafas (LEAL, 2002, p. 136); e bules térmicos (LEAL, 2002, p. 138); da Termolar, respectivamente.

Garrafas térmicas da Termolar

A *Garrafa térmica automática Magic Pump* (figura 121) tem como principal característica não pingar após servir. Serve grande volume com um acionamento suave da bomba, possui ampola dupla de vidro espelhado internamente, com alto vácuo entre as paredes, e suas partes plásticas são de polipropileno. Outros exemplos de garrafas térmicas desenvolvidas pelos designers para a Termolar podem ser conferidos nas figuras 122 e 123. (ADP, [2006 ou 2007])



Figuras 121, 122 e 123: *Garrafa Térmica Magic Pump*, 1999 (IAB-RS, 2000); *Garrafa Térmica R-Evolution*, 1999 (RATHSAM, 2002, p. 26); e *Garrafa Perfeita* (BORNANCINI, 2004, p. 61); da Termolar, respectivamente.

Borrachas Mercur

Na figura 124, modelos de borrachas da *Coleção Art Collection*, da Mercur, enquanto que a figura 125 destaca o modelo *Ying-Yang*.



Figuras 124 e 125: *Borrachas Mercur Art Collection*, 2002 (ARCO WEB, [200-]); e *Ying-Yang* (LEAL, 2002, p. 136); respectivamente.

Sobre as *Borrachas Pedagógicas Toy* (figuras 126 e 127), além de apagar, elas possuem “um formato exclusivo que permite a construção de [inúmeros volumes geométricos] [...] [Elas] [...] são coloridas (rosa, verde e amarela) e podem ser encontradas em embalagens de 12 ou 20 unidades”. (MERCUR, 2003)



Figuras 126 e 127: objeto construído com as *Borrachas Pedagógicas Mercur Toy*, 2003 (MERCUR, 2003); e detalhe das borrachas (CORRÊA, 2005, p. 9); respectivamente.

Escorredor de louça da Coza

Tal produto (figura 128)

tem superfície curva que não deixa a água acumular. Ao contrário dos tradicionais escorredores, que geralmente são feitos com espaços reservados, [esta] [...] peça não possui espaços específicos, o que dá mais liberdade de uso, além de não restringir e otimizar o espaço. Possui ainda uma [parte] [...] de apoio que é fácil de desmontar, agilizando a limpeza. Pode ser utilizado para vários formatos de pratos e serve de descanso auxiliar para diferentes tipos de louças como talheres, panelas e copos. (REVISTA SIM, [200-])



Figura 128: *Escorredor de louça da Coza*, 2005. (REVISTA SIM, [200-])

3.8.1.2 José Carlos Mário Bornancini



Figura 129: José Bornancini. (APDESIGN, 2006)

Quando José Bornancini ainda era estudante secundário, um empresário de uma indústria metal-mecânica, ao conhecer alguns dos desenhos e modelos reduzidos de aviões feitos por ele, orientou-o a abandonar a tradição médica de sua família para optar pelo estudo de engenharia.

Assim, em 1946, Bornancini formou-se engenheiro civil pela Escola de Engenharia da URGs. Durante muitos anos, teve participação ativa na carreira acadêmica, como

“professor da disciplina de Desenho à mão livre na Escola de Engenharia e” também da disciplina de Desenho Geológico no curso de formação de Geólogos, na UFRGS.

[Bornancini] foi fundador da Cadeira de Desenho Técnico da Escola de Engenharia da PUCRS. Colaborou também na Escola de Engenharia Industrial da Universidade Federal de Santa Catarina [UFSC]. Membro da Comissão do DAU-MEC [Departamento de Assuntos Universitários do Ministério da Educação], foi um dos escolhidos para reformular o currículo mínimo dos Cursos de Desenho Industrial

no Brasil, em 1978. (BORNANCINI, 2004, p. 56)

Cabe destacar que esse currículo mínimo foi implantado pela Secretaria de Educação Superior em 1987.

É “Sócio Honorário da [APDesign] [...] desde a [...] fundação [da mesma] – privilégio de alguns poucos designers com relevante atuação na área –, e suas criações fizeram parte da exposição Expoentes do Design, realizada em 2005 em comemoração aos 10 anos da” Associação. No final de 2006, “a entidade instituiu o Prêmio Bornancini” em sua homenagem, prêmio que foi conferido aos vencedores do Salão APDesign. (APDESIGN, 2006)

3.8.1.3 Nelson Ivan Petzold



Figura 130: Nelson Petzold. (IAB-RS, 2000)

Nelson Petzold formou-se arquiteto pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRGS, em 1956. No início da década de 1960, deixou o escritório de arquitetura do qual era sócio e passou a se dedicar às atividades didáticas na Faculdade de Arquitetura e na Escola de Engenharia da UFRGS para onde foi levado por Bornancini. Foi professor do Curso de Engenharia de Operações da PUCRS. É Sócio Honorário da APDesign e da Associação dos Antigos Alunos da UFRGS. (IAB-RS, 2000)

3.8.1.4 Paulo de Tarso da Silveira Müller



Figura 131: Paulo Müller. (MÜLLER, 2004, p. 168)

Paulo Müller formou-se arquiteto pela UNISINOS. Também é escultor autodidata, especialista em Design de Produtos e mestre em Comunicação Social pela PUCRS. Leciona na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da PUCRS e foi coordenador do Núcleo de Design de Produto da APDesign.

3.8.1.5 Desenvolvimento de projetos no escritório

Segundo Nelson Petzold (2008), geralmente as firmas é que procuravam os serviços da parceria, apresentando problemas para serem resolvidos. A partir disso, observa-se, então, que os trabalhos calcavam-se, principalmente, em renovação ou em mudanças necessárias nos produtos existentes.

Após a solicitação de um projeto, discutia-se muito o assunto entre os sócios, e a idéia, então, surgia desse esforço e de muito trabalho “lápis e papel”, tarefa inicial considerada por Petzold insubstituível, em que nem o computador, dependência atual dos designers, resiste a uma comparação. Depois dos primeiros esboços, os parceiros realizavam contato com a engenharia (quando a empresa tinha engenharia) ou com a própria produção, para que eles desenvolvessem o projeto final, sempre com trabalho em equipe. No início da parceria, nas décadas de 1960 e 1970, existia uma dificuldade muito grande de se fazer protótipos, produzidos, muitas vezes, dentro da própria fábrica, por empresas terceirizadas, ou pelos próprios profissionais de design. Esses protótipos ajudavam, e muito, na decisão da diretoria em aprovar a proposta e, conseqüentemente, em aceitar a execução da ferramenta. Essa, por sua vez, principalmente do tipo para injeção, era uma empresa do Uruguai que fabricava, conforme os desenhos desenvolvidos pelas indústrias.

As características relacionadas ao design que eram consideradas pelos parceiros dependiam da complexidade do produto e do seu uso. Petzold citou o exemplo da tesoura, a qual exige uma dose maior de preocupação ergonômica do que para se projetar uma borracha.

Como as indústrias buscavam soluções para os seus problemas, geralmente a parceria não realizava pesquisa de mercado, pois tais problemas já tinham sido identificados por pesquisas. Mas em alguns casos, quando a empresa não tinha pessoal especializado nessa

área ou não tinha como contratar serviços, os parceiros chegaram a desenvolver pesquisa de mercado e, inclusive, corrigiram alguns rumos de pesquisa.

Para Petzold, algumas influências de modelos estrangeiros decorreram, principalmente, do contato com o arquiteto austríaco Eugen Steinhof, que conviveu, na época da docência, com José Bornancini, além da admiração pelos trabalhos do francês Raymond Loewy.

As restrições tomadas no desenvolvimento dos projetos ligavam-se à elaboração de um produto sempre melhor e mais barato do que o da concorrência, dentro da sua faixa de uso. Um exemplo dado por Petzold para complementar este assunto, foi sobre a comparação entre um Celta e outros carros presentes no mercado, visto que um Celta não pode concorrer com um Vectra, mas pode ser o melhor, comparando-o a um Uno e a outros modelos da mesma categoria de carro popular.

A aprovação do produto pelo cliente estava sujeita à exaustão de variados testes para se atingir a conclusão do projeto de maneira satisfatória, o que dependia das complexidades tecnológicas. Depois que o produto já estava no mercado, os sócios acompanhavam o nível de aceitação dos usuários, geralmente por intermédio de relatórios disponibilizados pelas próprias indústrias.

Concluindo a entrevista, Nelson Petzold disse que o design é uma maneira de simplificar e tornar mais agradável a vida das pessoas.

3.8.2 Tina e Lui Arquitetura e Design

Em 1974, as irmãs gêmeas Maria Cristina Cuervo de Azevedo Moura e Ana Luísa Cuervo Lo Pumo formaram-se em Arquitetura e Urbanismo pela UFRGS. Desde 1990, as arquitetas formalizaram suas atividades no escritório Tina e Lui Arquitetura e Design, instalado numa casa tombada em Porto Alegre-RS, inicialmente, em parceria com Newton Ulrich, engenheiro civil. No início da década de 2000, este se desligou da sociedade para se dedicar à engenharia. Logo, começou a colaborar com os trabalhos a arquiteta Débora Eichenberg, que, atualmente, encontra-se afastada do escritório, residindo nos Estados Unidos. As irmãs e sócias (figura 132) atuam no desenvolvimento de produtos para a área moveleira, consultorias na área de design em conjunto com artesanato, arquitetura de interiores residenciais e comerciais, “realização de cursos e projetos voltados ao aprimoramento e profissionalização de novos designers e artesãos”. (HABITART, 2008)



Figura 132: Tina e Lui. (coleção do escritório)

Em entrevista pessoal à autora, Ana Luísa Lo Pumo (2008), com pós-graduação em Projeto de Produto (PUCRS; curso extinto) e docente na pós-graduação de Arquitetura de Interiores (UNIRITTER), relatou que o motivo pelo qual ela e seus sócios resolveram abrir um escritório foi o de formalizar a empresa para entrar no ramo da indústria. Também perceberam que havia um mercado crescente de design, mesmo ainda com a relutância de algumas indústrias em compreender e aceitar o design como algo que gerasse competitividade e que agregasse valor ao produto.

No início, os três sócios integraram uma equipe com mais duas funcionárias, sendo uma estagiária de arquitetura e uma secretária. Hoje, as duas sócias contam com os serviços de duas arquitetas, uma estagiária de arquitetura e uma secretária.

Algumas das primeiras empresas moveleiras, às quais o escritório prestou serviços, foram a Grandelar (RS) e a Garda Estofados (RS). Desenvolveram também projetos para Millenium Móveis (RS), Vimoso Móveis (RJ), Innovare (RS), Centenário Móveis (RS), Tok & Stok (SP), Dall Móveis (PR), Goulart Móveis (RS), Odorata Móveis (MT), entre outras. Atualmente, o escritório desenvolve móveis de diversos itens de linhas residenciais para indústrias como a Móveis Schuster (RS), a Saccaro Móveis (RS) e o Empório Beraldin (SP).

As arquitetas já participaram de muitas palestras e mostras, bem como receberam diversos prêmios em concursos regionais e nacionais, com alguns produtos destacados a seguir, relativos a móveis.

3.8.2.1 Produtos desenvolvidos pelo escritório

Cadeira e Mesa Senta Bags

A *Cadeira e Mesa Senta Bags* (figura 133) recebeu o 1º Prêmio – Móvel para utilização em serviço, do II Salão Design Movelsul 1990, o 1º Prêmio – Móvel para exterior e lazer, do

Prêmio Movesp 1990 (Associação das Indústrias de Mobiliário do Estado de São Paulo), e foi selecionada para o Prêmio Museu da Casa Brasileira, também em 1990, sendo o primeiro sediado em Bento Gonçalves-RS e os outros eventos em São Paulo-SP. Este conjunto de móveis foi desenvolvido pelas arquitetas para a Grandelar, de Bento Gonçalves-RS, o qual vem acompanhado de uma bolsa para facilitar o transporte. Sua estrutura compõe-se de aço tubular e as superfícies de lona, para o assento e o encosto, e de madeira, para a mesa.



Figura 133: *Cadeira e Mesa Senta-Bags*, 1990. (FONTOURA, 2006a, p. 58)

Cômoda 2 em 1

A *Cômoda 2 em 1* (figura 134) recebeu o 1º Prêmio – Móvel para área íntima, do IV Salão Design Movelsul 1994. Esse produto, composto por dois móveis acoplados (mesa e gaveteiro), possui uma combinação de funções, as quais atendem diferentes fases da criança. A primeira função refere-se à chamada fase bebê, quando “a mesa com mais altura serve como trocador [...]”. Com o crescimento da criança, a separação dos móveis proporciona uma mesa para os estudos da criança, adaptando-se a ela, pois passa a ter menor altura”. Tal móvel é confeccionado em MDF e possui combinação lúdica quanto às cores, na aplicação gráfica e nos puxadores em forma de bichinhos. (FONTOURA, 2006a, p. 80)



Figura 134: *Cômoda 2 em 1*, 1994. (FONTOURA, 2006a, p. 80)

Sofá Berço

O *Sofá Berço* (figura 135) recebeu duas premiações, no mesmo evento, como Menção Honrosa – Zona íntima e 1º Prêmio IBAMA de Madeiras Alternativas, do V Salão Design Movelsul 1996. Também foi vencedor do Prêmio Joaquim Tenreiro – Mobiliário residencial, oferecido pelo Museu da Casa Brasileira, em 1996. Esse móvel, em madeira tauari, também contempla várias etapas do crescimento da criança. Quando berço, possui uma regulagem com dois estágios na altura da cama. Tirando-se as grades, as quais podem formar uma estante ou uma mesa de estudos, o móvel transforma-se em cama ou sofá.



Figura 135: *Sofá Berço*, 1996. (FONTOURA, 2006a, p. 106)

Linha Minuano

Os móveis da *Linha Minuano* (figura 136), projetados para a Móveis Schuster, de Santo Cristo-RS, possuem acabamentos em tauari e pintura automotiva branca, além de revestimento em couro *Rodeo*.



Figura 136: *Linha Minuano*, 1997. (coleção do escritório)

Sofá Soma

O *Sofá Soma* (figura 137), desenvolvido para a Garda Estofados, de Porto Alegre-RS, recebeu o Prêmio Nacional de Design do Mobiliário – Certificado de Boa Forma, oferecido pela Fenaven 1997 (Feira Internacional de Móveis), em São Paulo-SP. Tal estofado é formado por módulos de madeira com espumas de densidades variadas e revestimento em tecido ou camurça.



Figura 137: *Sofá Soma*, 1997. (coleção do escritório)

Pufe

O *Pufe*, na figura 138, de estrutura em madeira com espumas e revestimento em tecido, também foi projetado para a Garda Estofados. Abaixo do assento, há uma gaveta, onde podem ser guardadas revistas, jornais e outros objetos.



Figura 138: *Pufe*, 1997. (coleção do escritório)

Linha Imigrante

A *Linha Imigrante* (figuras 139, 140 e 141), desenvolvida para a Móveis Schuster, caracteriza-se pela combinação da madeira com tiras de couro, as quais foram inseridas no assento das cadeiras. Essa linha foi vencedora do Prêmio Joaquim Tenreiro, oferecido pelo Museu da Casa Brasileira, em 2000.



Figura 139: *Linha Imigrante*, 2000. (coleção do escritório)



Figura 140: *Linha Imigrante*, 2000. (coleção do escritório)



Figura 141: *Linha Imigrante*, 2000. (coleção do escritório)

Berço Ovinho

O *Berço Ovinho*, na figura 142, de estrutura em alumínio e trançado de junco natural, foi desenvolvido para a Vimoso, do Rio de Janeiro-RJ, em 2001.

